



Guia de negócios no Brasil

Mapeamento de oportunidades

Agosto 2022

[KPMG.com.br](https://www.kpmg.com.br)



Mapeamento de oportunidades



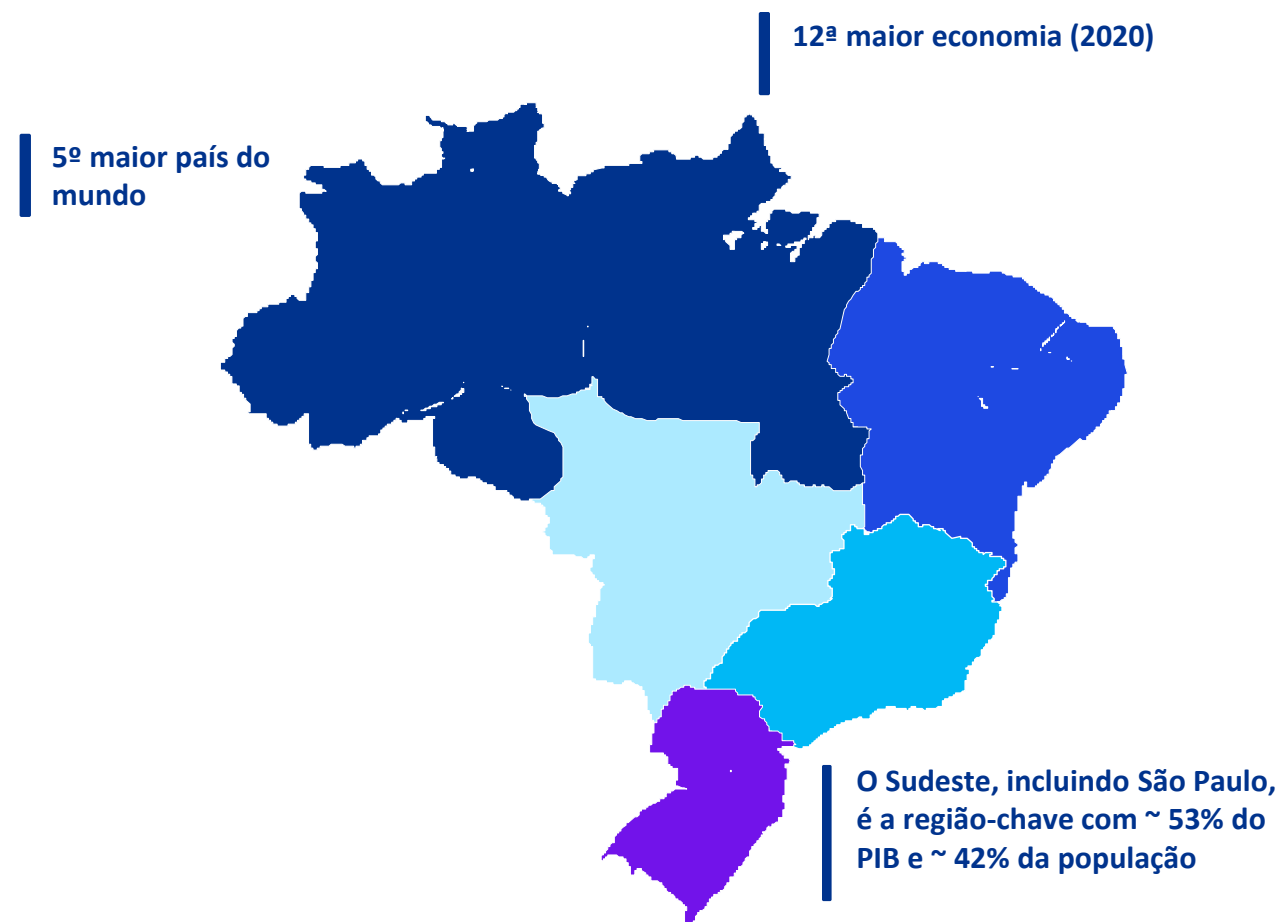
Perfil Regional



Brasil

Fonte: IBGE e Bacen. Elaboração Pezco Economics.

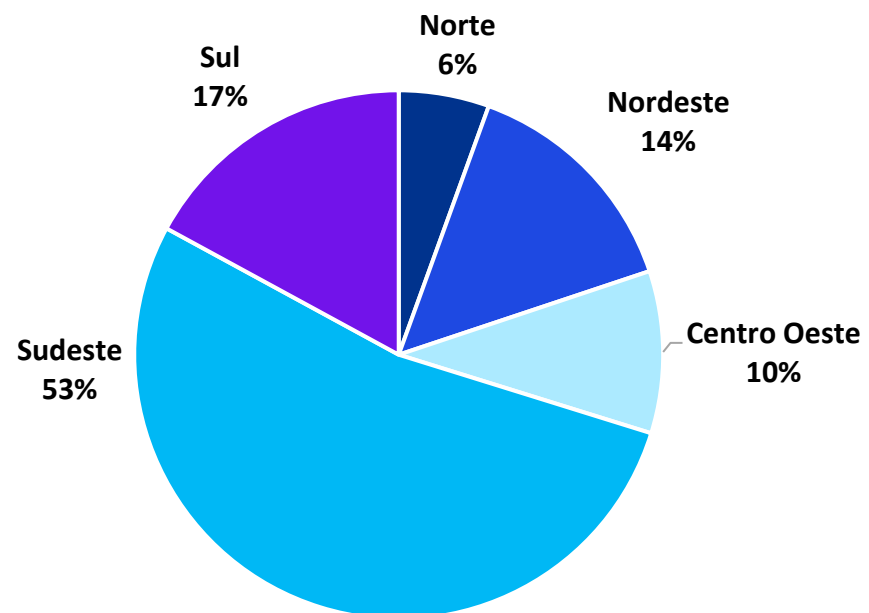
População (nº de pessoas, 2021)	213.317.639
PIB per capita (R\$, 2019)	35.162
PIB (R\$ trilhão, 2020)	7.4
Exportações (US\$ milhão, 2020)	209.8
Importações (US\$ milhão, 2020)	158.9
Taxa de desemprego (3º tri 2021)	12,6%



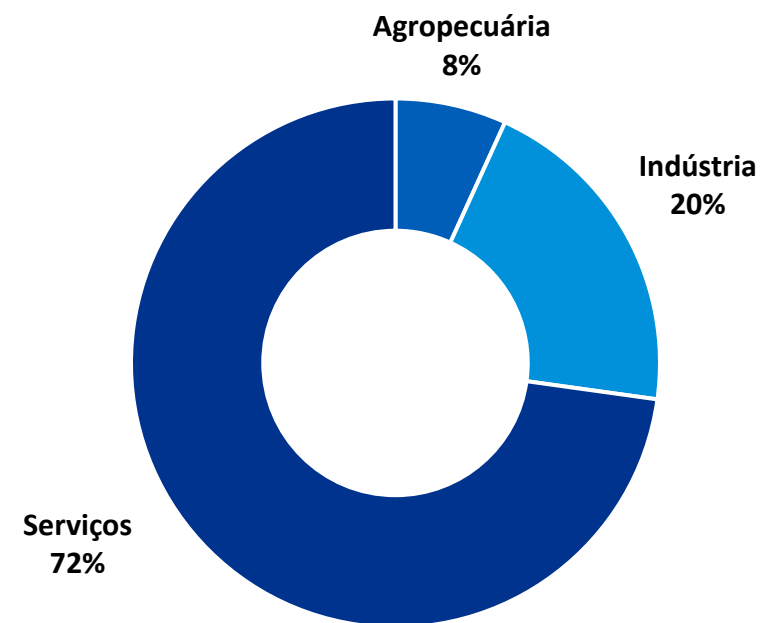
Brasil

Fonte: IBGE e Bacen. Elaboração Pezco Economics.

Contribuição do PIB por região (2020)



Composição do PIB (Brasil, 2020)



Região Norte

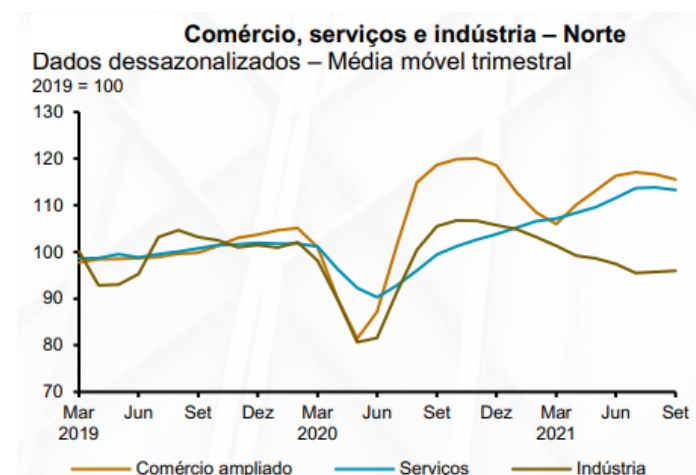
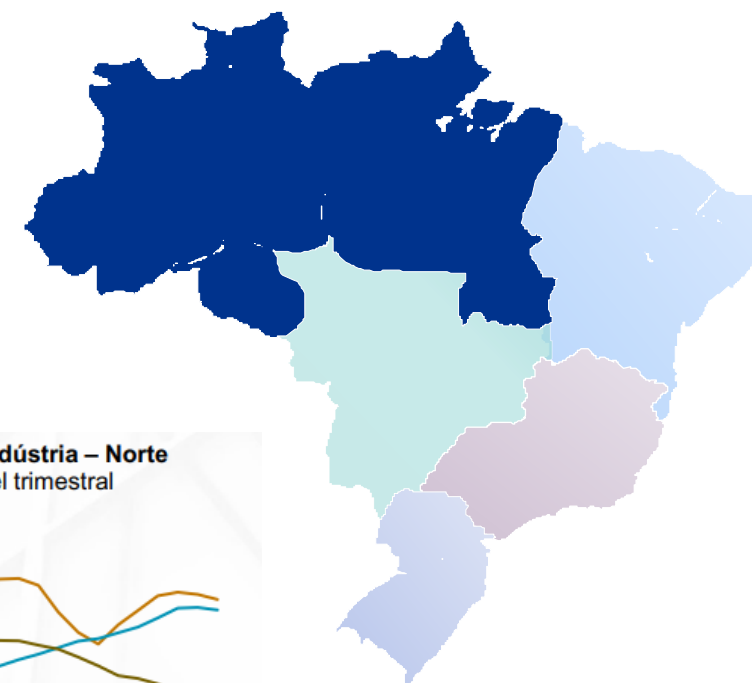
A Região Norte se estende por 3,85 milhões de quilômetros quadrados e representa cerca de 45% do território nacional. A floresta amazônica representa cerca de 86% desse território.

A atividade econômica da região gira em torno da Zona Franca de Manaus.

Aqui encontramos grandes rios, como o Amazonas, que apresentam grande potencial para geração de energia hidrelétrica, porém a integração logística ainda é precária.

População (2020)	18.430.980
PIB per capita (R\$, 2019)	22.810
PIB (milhão de R\$, 2020)	420.424
Exportação (milhão de US\$, 2020)	21.439
Importação (milhão de US\$, 2020)	12.662
Taxa de desemprego (média de 2019)	12,3%
Massa de rendimentos (milhão de R\$, 2020)	12.174
Estoque de crédito (% do PIB)	32,3%

Fonte: IBGE e Bacen. Elaboração Pezco Economics.



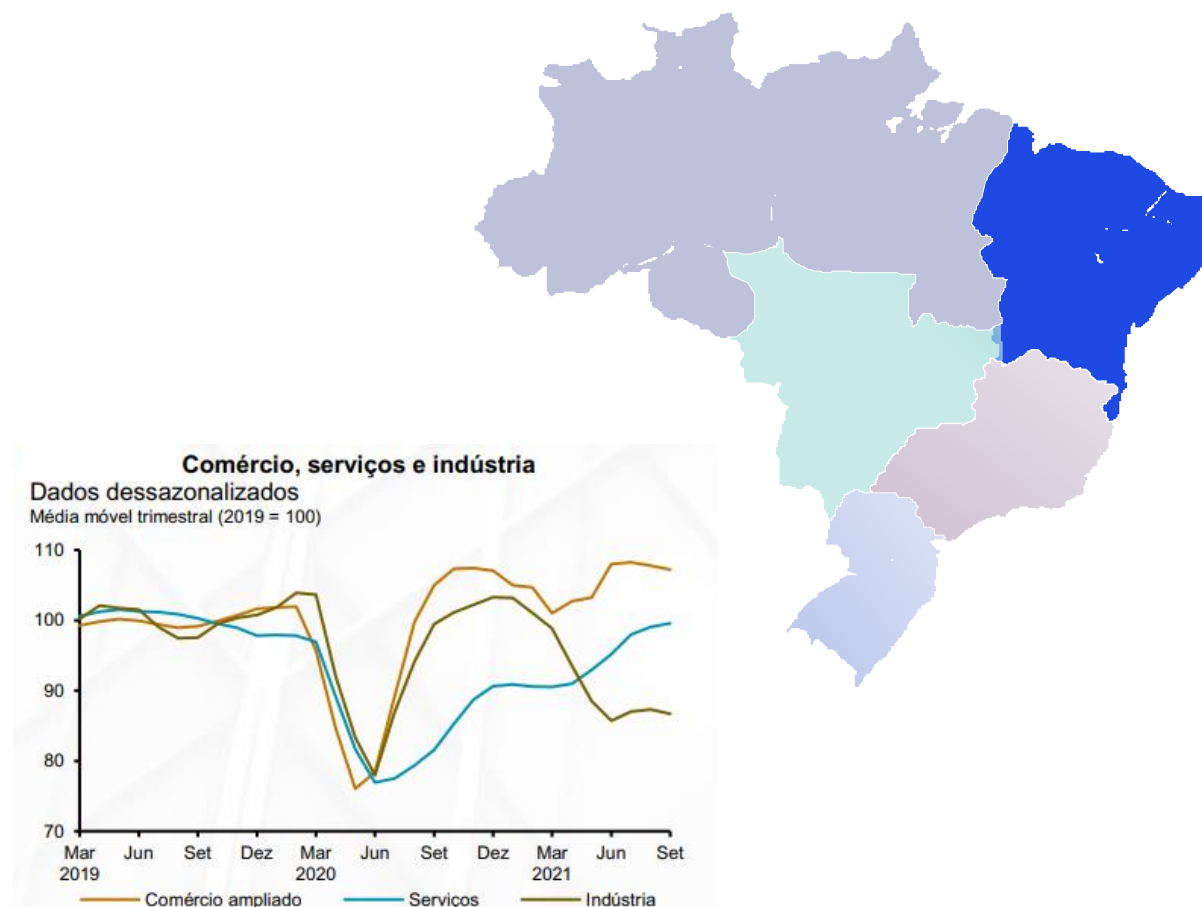
Região Nordeste

A Região Nordeste possui 1,55 milhão de quilômetros quadrados de extensão e representa cerca de 18% do território nacional. Cerca de 1,1 milhão de km² (71,3%) do território da região está no Polígono das Secas, distribuído por 1.348 municípios de oito estados (AL, BA, CE, PB, PE, PI, RN, SE).

Região de elevada pobreza, com o menor PIB per capita do país e com taxa de desemprego acima da média nacional. Concentra o maior número de beneficiários de programas de assistência social.

População (nº de pessoas, 2020)	57.071.654
PIB per capita (R\$, 2020)	18.358
PIB (R\$ milhão, 2020)	1.047.766
Exportações (US\$ milhão, 2020)	16.887
Importações (US\$ milhão, 2020)	20.208
Taxa de desemprego (média 2020)	14,5%
Massa de rendimentos (R\$ milhão, 2020)	33.645
Estoque de crédito (% do PIB)	42,3%

Fonte: IBGE e Bacen.



Região Centro-Oeste

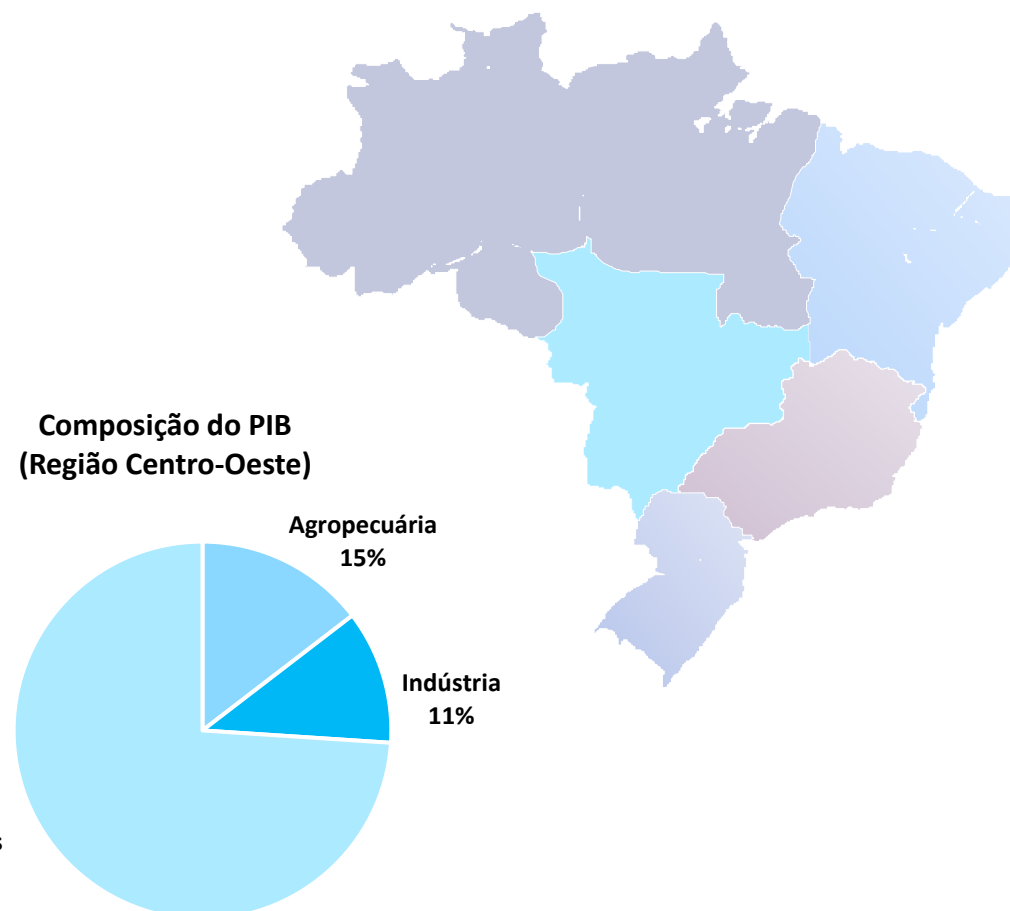
A Região Centro-Oeste possui 1,6 milhão de km² de extensão e representa cerca de 19% do território nacional. A região concentra as maiores áreas para a atividade agropecuária.

A atividade econômica da região gira em torno da agricultura e da pecuária. Apesar disso, a região detém 19% do PIB da agropecuária, atrás das regiões Sul (com 27% de participação) e Sudeste (com 24%).

Região com o maior PIB per capita do país e a segunda menor taxa de desemprego. Apesar disso, a infraestrutura logística segue precária, especialmente para escoamento da produção agropecuária.

População (nº de pessoas, 2020)	16.496.340
PIB per capita (R\$, 2020)	35.653
PIB (R\$ milhão, 2020)	542.632
Exportações (US\$ milhão, 2020)	29.744
Importações (US\$ milhão, 2020)	9.064
Taxa de desemprego (média 2019)	10,1%
Massa de rendimentos (R\$ milhão, 2020)	20.223
Estoque de crédito (% do PIB)	51,4%

Fonte: IBGE e Bacen. Elaboração Pezco Economics.



Região Sudeste

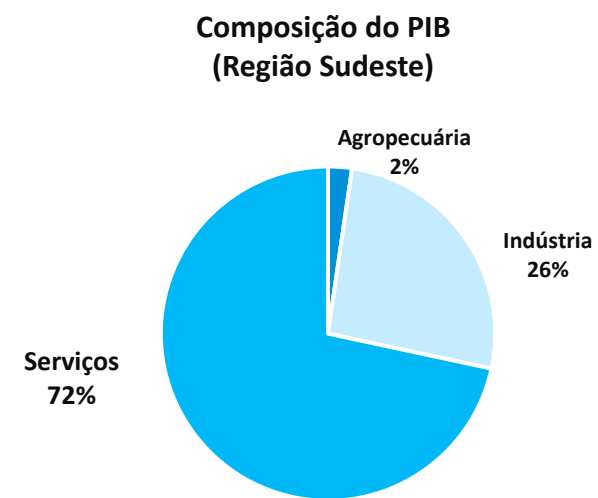
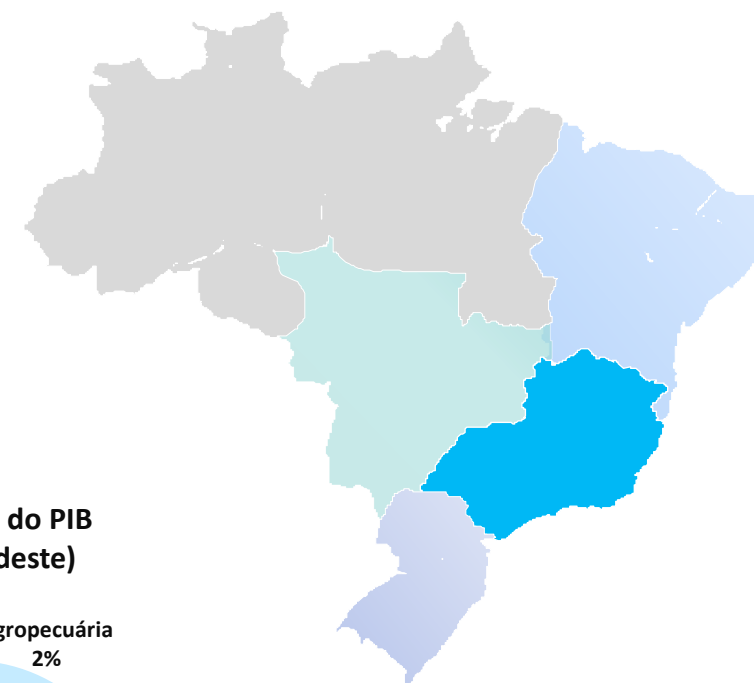
A Região Sudeste possui 0,9 milhão de km² de extensão e representa cerca de 11% do território nacional. Por ser a região mais desenvolvida do país, cerca de 42% da população vive nessa região.

A região representa aproximadamente 52% do PIB nacional e a atividade econômica gira em torno da indústria e dos serviços. É um importante centro financeiro do país e da América Latina. É a região com a melhor disponibilidade de infraestrutura econômica.

Dispõe da maior oferta de mão de obra qualificada e de importantes centros de ensino. O elevado número de pessoas e a escassez de espaço mantêm elevado o preço dos imóveis e o custo de vida.

População (nº de pessoas, 2021)	89.632.912
PIB per capita (R\$, 2019)	46.398
PIB (R\$ milhão, 2019)	3.917.484
Exportações (US\$ milhão, 2021)	125.578
Importações (US\$ milhão, 2021)	99.242
Taxa de desemprego (3º trimestre 2021)	13,10%
Massa de rendimentos (média mensal real, R\$ milhão, 3º trimestre 2021)	114.979
Estoque de crédito (% do PIB, 2019)	45,20%

Fonte: IBGE e Bacen.



Região Sul

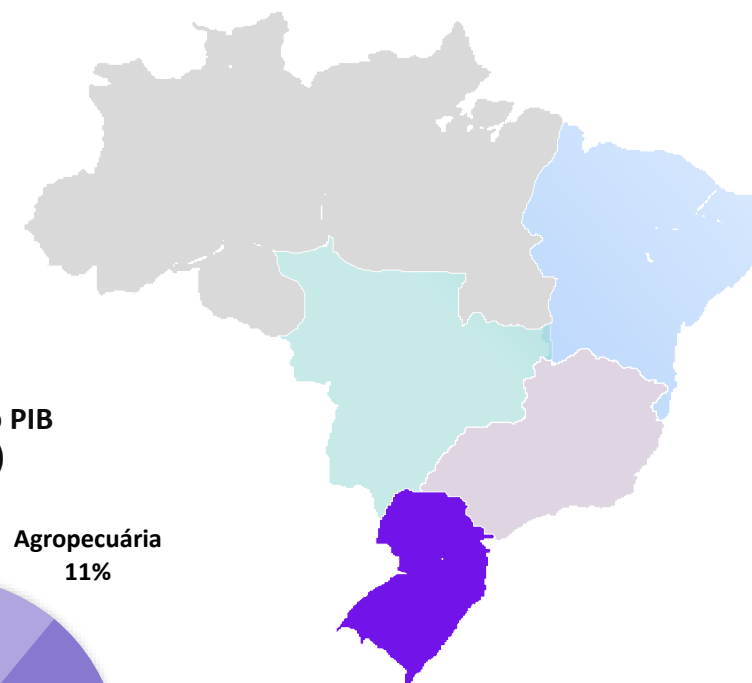
A Região Sul possui 0,6 milhão de km² de extensão e representa cerca de 7% do território nacional. É a segunda região de maior densidade demográfica do país (52 hab./km²).

A região representa aproximadamente 17,6% do PIB nacional e a atividade econômica gira em torno da indústria e da agropecuária. Possui boa infraestrutura logística e econômica.

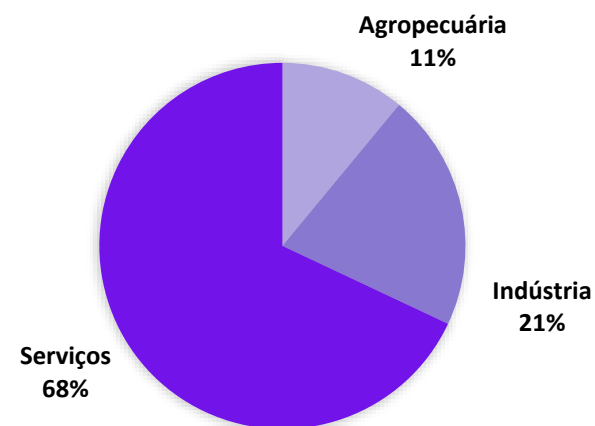
Dispõe de boa oferta de mão de obra qualificada e de centros de ensino. Tem o segundo maior PIB per capita e a menor taxa de desemprego.

População (nº de pessoas, 2021)	30.192.315
PIB per capita (R\$, 2018)	42.771
PIB (R\$ milhão, 2018)	1.195.550
Exportações (US\$ milhão, 2021)	38.443
Importações (US\$ milhão, 2020)	35.827
Taxa de desemprego (média 2021)	15,3%
Massa de rendimentos (média mensal real, R\$ milhão, 2020)	38.569
Estoque de crédito (% do PIB, 2018)	52,1%

Fonte: IBGE e Bacen. Elaboração Pezco Economics.



**Composição do PIB
(Região Sul)**



Norte e Nordeste – Hot Topics

O Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE) vai financiar até 26 bilhões e seiscentos milhões de reais para empreendedores urbanos e produtores rurais da região em 2022. Os recursos do FNE são administrados pelo Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR) e pela Sudene e concedidos por meio do Banco do Nordeste, aquecendo a economia e gerando emprego e renda. Os financiamentos podem ser usados em projetos para abertura do próprio negócio, investimentos na expansão das atividades, compra de estoque e até para custeio de despesas relacionadas à administração do empreendimento. [Fonte: www.gov.br/mdr](http://www.gov.br/mdr)

O mercado de geração de energias renováveis ganhou um novo reforço com o decreto de regulamentação de eólicas offshore (em alto mar) liberado pelo governo federal. A iniciativa, que deverá destravar pelo menos R\$ 110 bilhões em investimentos no Ceará, foi comemorada por membros do mercado, políticos e representantes do Governo, pois deve impulsionar o novo hub de hidrogênio verde. Seis empreendimentos já têm projetos que aguardavam a regulamentação, somados, eles têm potencial de 11 gigawatts: Camocim (1,2 gW), Asa Branca (400 MW), Jangada (3 gW), Caucaia (576 MW), Dragão do Mar (1,216 gW), e Alpha Wind (5,1 gW). [Fonte: www.diaridonordeste.com.br](http://www.diaridonordeste.com.br)

O otimismo dos comerciantes e do empresariado brasileiro atingiu o maior patamar desde março de 2020, alcançando 121.1 pontos dos 200 possíveis no Índice de Confiança do Empresário do Comércio (Icec). A Região Norte liderou os indicadores com 125.2 pontos, enquanto o nordeste brasileiro registrou o menor nível de confiança, com 118.9 pontos. [Fonte: www.oliberal.com](http://www.oliberal.com)

A expansão da geração de energia eólica e solar no sul da Região Nordeste demandará investimentos de R\$ 18,2 bilhões em novas instalações para escoamento de energia para outras localidades do país, segundo estudos apresentados pelo Ministério de Minas e Energia e pela Empresa de Pesquisa Energética. As obras para reforço da transmissão são recomendadas para o médio prazo, e a previsão é que a maior parte seja licitada em 2023, disse um representante do governo. [Fonte: www.cnnbrasil.com.br](http://www.cnnbrasil.com.br)

DF / GO / TO – Hot Topics

O governo do Distrito Federal publicou decreto que regulamenta a concessão do serviço de iluminação pública à Companhia Energética de Brasília (CEB) por 30 anos, abrangendo as atividades de planejamento, investimento e gestão da implantação, instalação e modernização dos ativos do sistema de iluminação pública. A CEB já prestava este serviço por meio de contratos e convênios com a Secretaria de Obras e Infraestrutura.

O isolamento social reduziu as despesas do governo federal com diárias, passagens e transporte de servidores no Distrito Federal de R\$ 265,2 milhões para R\$ 65,7 milhões entre março e maio de 2020 em relação ao mesmo período de 2019, segundo dados do Ministério da Economia. A maior redução foi em viagens internacionais (queda de 86% YoY), seguido de viagens nacionais (-72,9% YoY).

O Banco de Brasília (BRB) está preparando um fundo imobiliário de até R\$ 5 bilhões para investir na Biotic, projeto para criação de um parque tecnológico no Distrito Federal, um esforço do governo para alterar a matriz econômica e reduzir a dependência dos serviços públicos. Além do parque tecnológico, o projeto inclui o desenvolvimento de áreas residenciais, comerciais, de lazer e hotelaria.

A Assembleia Legislativa de Goiás aprovou projeto de lei que determina que os postos de combustíveis fixem cartazes com a frase “Na hora de abastecer, escolha etanol”, para incentivar o uso do etanol hidratado no Estado. O projeto também prevê que os órgãos públicos estaduais devem priorizar o uso desse combustível no abastecimento de sua frota de veículos flex.

Após assinar a renovação antecipada da Malha Paulista, que demandará R\$ 6,1 bilhões em novos investimentos, a Rumo anunciou o plano para construção de uma linha entre Rondonópolis e Lucas do Rio Verde, que pode chegar a 600 km. O plano é criar um grande corredor para escoar a produção do Mato Grosso pelo Porto de Santos. A renovação da Malha Paulista era um primeiro passo e agora a empresa iniciará as rodadas de negociação com o governo e com as agências reguladoras.

A demanda por estruturas de armazéns modulares para estocar açúcar cresceu recentemente, em função do forte ritmo de produção da commodity na região Centro-Sul. A maior parte das contratações de armazéns temporários acontece até junho, quando está mais claro para as usinas o tamanho da produção. Segundo a Tópico (empresa que instala galpões modulares), cerca de 60% da demanda é para usinas em São Paulo, seguido por Minas Gerais (30%) e Mato Grosso do Sul (10%). Segundo a Unica, as usinas têm capacidade para armazenar 40% da produção projetada para este ano.

A diretoria da Rumo confirmou ao presidente do Sistema FIEMT, Gustavo de Oliveira, que irá expandir a ferrovia que compõe a Malha Norte em Mato Grosso.

Mato Grosso fechou o primeiro semestre com 58% das exportações do Centro-Oeste e em quarto lugar no ranking nacional. Em relação ao ano passado, Mato Grosso subiu uma posição no ranking nacional e se tornou o quarto maior exportador do Brasil, com crescimento de 6,62% em receita, enquanto a tendência nacional foi de retração de 7,36%. E, um dos setores da indústria que mais cresceu foi o de carne bovina, que neste primeiro semestre teve alta de 40,52%.

Fonte: Agência Brasília, Valor, Governo de Goiás, Portal Agronegócio, Mato Grosso Econômico e G1

SP / MT / MS – Hot topics

São Paulo, em parceria com a Fundação Ellen MacArthur, está no caminho para se tornar uma cidade mais circular. Um passo nesse sentido foi a adesão ao compromisso global pelo pacto dos plásticos para criar mecanismos de eliminação e reuso de plásticos problemáticos e de uso único. A cidade também aderiu à iniciativa de circularidade em alimentos, comprometendo-se a transformar o sistema alimentar em um sistema circular e regenerativo. Além disso, há ações relevantes já existentes como o projeto Ligue os Pontos, que fortalece a agricultura local sustentável, e a eletrificação da frota de ônibus da cidade.

Com o 14º maior PIB do Brasil entre as cidades brasileiras, São Bernardo do Campo, na região metropolitana de São Paulo, bateu recordes de exportação no primeiro semestre de 2021, com mais de 410 milhões de dólares vendidos em tratores, 330 milhões de dólares em chassis, 300 milhões de dólares em veículos para transportes e 180 milhões de dólares em veículos de passageiros. Ranking elaborado pela consultoria Urban Systems analisa as melhores cidades brasileiras para fazer negócios em educação, comércio, serviços, indústria, mercado imobiliário e agropecuária.

Responsável por uma produção de grãos acima de 70 milhões de toneladas na safra 2020/2021, o Estado de Mato Grosso anunciou um chamamento público para a construção, até 2028, da primeira ferrovia autorizada por um estado brasileiro. O investimento previsto é de R\$ 12 bilhões, por conta e risco da operadora, que terá o prazo de 45 anos para operar — trata-se do modelo privado de exploração, sem nenhum aporte de dinheiro público. A estimativa é que Mato Grosso esteja produzindo 120 milhões de toneladas por ano até 2030.

A empresa Suzano, uma das maiores companhias do mundo de papel e celulose, decide investir R\$ 14,7 bilhões na construção de nova fábrica no Mato Grosso do Sul. A nova fábrica tem capacidade de produzir 2,3 milhões de toneladas de celulose de eucalipto por ano. A unidade será construída no município de Ribas do Rio Pardo, a 100 quilômetros de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, e deve iniciar a produção até o final do primeiro trimestre de 2024. A iniciativa foi batizada de “Projeto Cerrado”, em referência à sua localização geográfica em Mato Grosso do Sul, e amplia em aproximadamente 20% a atual capacidade de produção de celulose da Suzano, de 10,9 milhões de toneladas.

Fonte: Exame, Suzano, 2022

Minas Gerais – Hot topics

Minas Gerais é pioneiro no recebimento de hidrelétricas na América do Sul, dando ao estado grande destaque no fornecimento de energia para o país. A Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG) é uma das principais distribuidoras de energia do país, atuando na geração, transmissão e distribuição de energia elétrica e gás natural. Desde 1998, a CEMIG já investiu mais de R\$ 725 milhões em ações de eficiência energética. Para o quinquênio 2020-2024, está prevista a aplicação de R\$ 457 milhões em projetos.

A CEMIG tem apostado na energia fotovoltaica em virtude da elevação dos custos das usinas hidrelétricas, com isso, criou em 2018, o projeto Cemig Geração Distribuída, com o intuito de implantar, instalar, operar, manter e locar empreendimentos e equipamentos que utilizem a energia solar.

Apesar de o preço internacional do minério de ferro continuar acima de US\$ 100 por tonelada (minério com pureza de 62% no porto de Qingdao), a expectativa dos analistas é que a normalização da oferta pressione os preços para baixo no segundo semestre desse ano e início de 2021. As projeções indicam que o preço do minério de ferro deve recuar para o intervalo entre US\$ 80 e US\$ 90 por tonelada nos próximos 12 meses. A expectativa é que a produção da Vale seja de 90 milhões de toneladas por trimestre na segunda metade do ano, bastante acima dos 59 milhões de toneladas do primeiro trimestre de 2020.

Uberlândia completou os cinco primeiros meses de 2021 com saldo positivo na geração de empregos e classificada entre as 20 cidades brasileiras que mais ofertaram postos de trabalho no período. Dados do Cadastro Geral de Empregados e

Desempregados, divulgados em 01/06/21 pelo Ministério da Economia, mostram que o município acumulou 6.490 postos de janeiro a maio. O resultado é cerca de duas vezes superior ao total do ano de 2020, afetado pelo início da pandemia de COVID-19 e que contabilizou saldo de 2.720 vagas. Apenas em maio, foram gerados 710 empregos.

A Sigma Lithium obteve um financiamento de US\$ 45 milhões com o banco Société Générale para iniciar a construção da fábrica de baterias de lítio para carros elétricos em Minas Gerais. A empresa tem ações listadas na bolsa do Canadá, mas 70% do capital está nas mãos do fundo de private equity A10. A Sigma assinou acordo de fornecimento de 55 mil toneladas de lítio por ano, por seis anos, com o grupo japonês Mitsui — que concederá US\$ 27 milhões para a construção da fábrica — a estimativa é que o custo de construção seja de US\$ 74 milhões.

A Anglo American assinou acordo com a Casa dos Ventos para o fornecimento de energia eólica por 20 anos. A Casa dos Ventos fornecerá 195 MW (95 MW de energia firme) de energia produzida no complexo Rio do Vento (RN) — representa cerca de 30% do consumo da Anglo American nas operações de minério de ferro e níquel. A energia representa 30% do custo total de produção do níquel e 20% do custo total de produção do minério de ferro. A mineradora prevê produção entre 22-24 milhões de toneladas de minério de ferro tipo pellet-feed — dos quais 40% exportados para a China — e entre 42-44 mil toneladas de ferro níquel.

Fonte: ACMinas, Cemig, Estado de Minas, Infomoney, Anglo American, 2022

Sul – Hot topics

Ainda que enfrentando os reflexos da pandemia, a Região Sul encerrou o ano passado com um desempenho muito além do satisfatório no que diz respeito ao volume de operações de fusões e aquisições. Segundo pesquisa recente da KPMG, foram 297 operações nos três estados, somente o Paraná foi responsável por mais de um terço (121) destas transações. O número é recorde e representa alta de 95% na comparação com 2020. Interessante ressaltar que mais da metade (53%) dessas transações envolveu os setores de tecnologia e *internet*, e muitas delas ocorreram entre companhias da própria região.

Além disso, o Sul contabiliza os menores índices de desemprego no Brasil, com destaque para Santa Catarina. Enquanto o estado registra 5,3% de pessoas sem ocupação, a média nacional é de 11,6%, de acordo com o IBGE. Ao longo do ano passado foram criadas mais de 480 mil vagas de empregos na região como um todo, a maioria delas na área de tecnologia.

Apesar disso, o setor de varejo e consumo iniciou o ano em um ambiente de incertezas provocadas pela alta da inflação e decorrente perda de renda dos brasileiros. Além disso, os níveis mais baixos de confiança do consumidor acabam se tornando um fator de recuo na expectativa para 2022. Também o agronegócio, setor que mais cresceu no último ano, terá pela frente um período mais desafiador. Se, em 2021, os altos níveis de produtividade e o câmbio favorecendo as exportações trouxeram tempos de bonança, a previsão para os próximos meses não é tão otimista. Em razão da escassez de chuvas, algumas áreas da Região Sul estão sofrendo mais com a estiagem. Em contrapartida, o segmento de proteína animal continua em crescimento e deve encerrar o ano com saldo positivo.

Sob a perspectiva da indústria de manufatura, o cenário econômico e a falta de alguns insumos têm impactado os negócios. Os constantes problemas no transporte marítimo, decorrentes da paralisação de portos, a falta de contêineres e, recentemente, a operação tartaruga de alguns órgãos públicos afetaram o comércio exterior de empresas sulistas. Nem tudo, porém, são queixas. Observam-se níveis de demanda de mercado extremamente interessantes, como no setor automotivo, causadas, em parte, pela retração de consumo ocorrida nos últimos dois anos como reflexo da pandemia.

Ademais, tanto empresas locais quanto multinacionais presentes na região têm apresentado planos de investimentos relevantes, acompanhando o desenvolvimento em infraestrutura na região, fundamentais para o escoamento da produção. No último ano, importantes concessões no transporte ferroviário foram renovadas, com investimentos previstos superiores a R\$ 40 bilhões. Nas rodovias, há a previsão neste ano de novos leilões no Paraná que podem gerar mais R\$ 42 bilhões em investimentos. Para portos, os três estados trabalham em projetos para novos arrendamentos, privatizações e concessões e integração com hidrovias e ferrovias.

A exemplo do que ocorreu em 2021, com mais empresas buscando a abertura de capital e investimentos diversos em *startups*, é fácil de imaginar que esse ano seja registrado um aumento em negociações e nos ecossistemas de inovação em crescimento. Isso pode proporcionar a inclusão de mais empresas na lista de unicórnios brasileiras e fortalecer a órbita de investimentos na Região Sul, gerando oportunidades interessantes para esse e para os próximos anos.

Fonte: IBGE e Bacen. Elaboração Pezco Economics.

Rio de Janeiro – Hot topics

A prefeitura de Macaé comemorou, na quinta-feira (24/02/2022), a manutenção do veto, pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), ao Projeto de Lei nº 5.190/2021. Esse Projeto de Lei institui a Taxa de Controle, Monitoramento e Fiscalização Ambiental das Atividades de Pesquisa, Lavra, Exploração e Produção de Petróleo e Gás. As instituições que representam o arranjo produtivo do óleo e gás e as prefeituras destacaram, durante todo o movimento contra o PL, a insegurança jurídica gerada pelo Projeto de Lei sobre os marcos regulatórios da atividade *offshore* no Estado, o que poderia, com a taxa, atrapalhar o ciclo de negócios para o desenvolvimento de novos projetos de exploração e produção, impedindo contratações de mão de obra e serviços.

Fonte: www.clickmacae.com.br

O governo do Estado do Rio de Janeiro arrematou, em leilão realizado na quarta-feira (16/03/2022), a área do estaleiro Caneco, no bairro do Caju, região portuária do Rio de Janeiro. O objetivo é implantar um complexo pesqueiro e um condomínio industrial no local. A área foi arrematada por R\$ 96 milhões. De acordo com o secretário de Desenvolvimento Econômico, Energia e Relações Internacionais, Vinícius Farah, a implantação de um entreposto pesqueiro será o início da recuperação do setor. A centralização do desembarque de pescado permitirá melhores estatísticas e gestão, assim como uma melhor promoção de políticas públicas para o setor. Fonte: www.terra.com.br

O Governo do Rio de Janeiro deu início à mobilização para a Rio2030, nesta terça-feira (22/03/2022). É a maior iniciativa de implementação da Agenda 2030 do país, um convite à sociedade para a ação e união de esforços em torno dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. No Ano Internacional do Desenvolvimento Sustentável no Estado do Rio de Janeiro, a Rio2030 busca estabelecer uma plataforma global para estímulo ao tema, assim como fortalecer políticas públicas com foco em sustentabilidade. O evento internacional colocará o Rio de Janeiro como um polo de mobilização pelo desenvolvimento sustentável junto à sociedade brasileira e à comunidade internacional, com foco na Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). Fonte: www.diariodorio.com

Espírito Santo– Hot topics

O Governo do Estado, por meio da Secretaria da Cultura (Secult), anunciou, nesta quinta-feira (03/03/2022), os 46 municípios habilitados para o Programa Cultura Fundo a Fundo. O coinvestimento total do Governo do Estado é de R\$ 5 milhões. Somados aos recursos dos municípios, o valor total investido por meio desse programa no campo da cultura em 2022 é da ordem de pouco mais de R\$ 8,3 milhões. Com essa ação, centenas de projetos culturais serão apoiados em todas as microrregiões do Espírito Santo. [Fonte: www.jornalfato.com.br](http://www.jornalfato.com.br)

A Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) inaugurou, no dia 03/03/2022, laboratório com nível máximo de biossegurança. Trata-se de um laboratório que permite realizar pesquisas com microrganismos que representam alto risco no processo de manipulação, por exemplo, o vírus causador da COVID-19. O nível 3 para laboratórios representa o maior nível para instituições de ensino, conforme classificação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Além dos projetos sobre o coronavírus, o laboratório será utilizado em pesquisas nas áreas de tuberculose, hanseníase, vírus Ebola e HIV, além de apoiar a realização de atividades de pesquisas vinculadas a oito programas de pós-graduação da Universidade: Doenças Infecciosas, Biotecnologia, Ciências Fisiológicas, Saúde Coletiva, Educação Física, Química, Engenharia Ambiental e Bioquímica. [Fonte: www.ufes.br](http://www.ufes.br)

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) publicou, na segunda-feira (21/02/2022), o Comunicado Relevante nº 3/2022, marcando uma nova data para o leilão de desestatização da Companhia Docas do Espírito Santo (Codesa) e dos Portos Organizados de Vitória e Barra do Riacho, no Estado do Espírito Santo. O projeto é a primeira desestatização portuária da história do país e foi aprovado na 3ª Reunião do Conselho do Programa de Parcerias de Investimentos (CPPI), por meio do Decreto nº 9.852, de 25 de junho de 2019, e prevê investimentos de R\$ 334,8 milhões na administração do porto. [Fonte: www.gov.br](http://www.gov.br)

Perfil Setorial

Automotivo



Visão geral

O Segmento fechou o ano 2021 com ligeira melhora na comparação com o crítico ano de 2020, mas ainda aquém do potencial de demanda interna e externa por auto veículos. A crise global de semicondutores provocou diversas paralisações de fábricas ao longo do ano por falta de componentes eletrônicos, levando a uma perda estimada em 300 mil veículos. Para 2022, a previsão ainda é de restrições na oferta por falta de componentes, mas num grau inferior ao de 2021.

Produção – O ano fechou com 2.248,3 mil unidades, alta de 11,6% sobre 2020. No ranking global de produtores, o Brasil retomou a oitava colocação perdida no ano anterior para a Espanha. Para 2022, a expectativa é de um aumento de 9,4%, com 2,46 milhões de unidades produzidas.

Mercado interno – O acumulado de 2021 chegou a 2,12 milhões de unidades, apenas 3% acima de 2020, o que manteve o Brasil na sétima colocação do ranking global, por poucas unidades atrás da França. Para esse ano, a ANFAVEA projeta vendas de 2,3 milhões de auto veículos, uma alta de 8,5% sobre 2021.

Exportações – A rápida recuperação após o pico da pandemia em mercados como Chile, Colômbia, Peru e Uruguai ajudou a impulsionar as exportações de veículos brasileiros, apesar das restrições comerciais impostas pelo governo argentino. Com isso, as 376,4 mil unidades exportadas representaram crescimento de 16% sobre o ano anterior. Em valores, as exportações tiveram alta ainda maior, de 37,8%, por conta da representação de veículos com maior valor agregado, como caminhões e SUVs. Para 2022, a expectativa é de exportar 390 mil unidades, um incremento de 3,6% sobre o ano anterior.

Empregos – O setor fechou o ano com 101,1 mil empregados. O quadro é de estabilidade, apesar do fechamento de algumas fábricas no início de 2021 e das constantes paradas de produção em função da falta de componentes eletrônicos nas linhas de montagem.

O segmento de caminhões, impulsionado pelo agronegócio e pelo crescimento do e-commerce, teve um desempenho muito positivo em 2021 e a expectativa é boa para 2022.

Expectativas – Perspectiva otimista/moderada, apesar dos seguintes desafios que impactam a indústria: ano eleitoral; equilíbrio fiscal; aumento de custos, câmbio, juros e carga tributária; fragilidade do mercado de trabalho; questões logísticas e de oferta de insumos e extensão da crise sanitária.

Fonte: ANFAVEA - Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores.

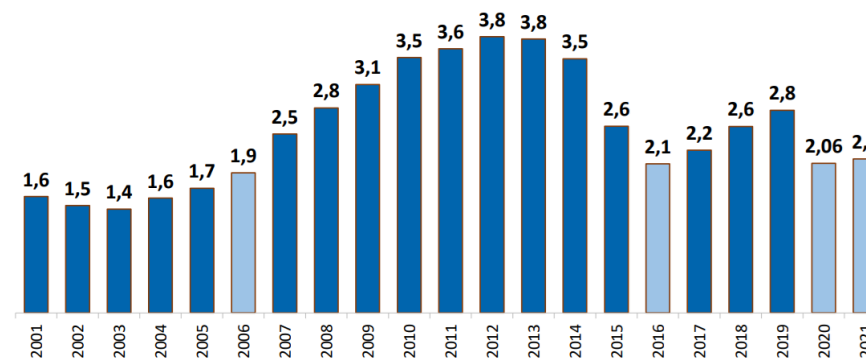


Fonte: IHS/BCG

Visão geral

Desempenho do Mercado de Autoveículos de 2001 a 2021

Autoveículos (mil unidades)



Fonte: ANFAVEA

A crise na oferta de produtos, provocada pela carência de semicondutores globalmente, continua impactando diretamente na produção de veículos. Essa escassez de veículos novos ocasionou um crescimento do mercado de usados e, conseqüentemente, um aumento no preço (demanda maior que a oferta), além do amadurecimento de novas linhas de negócio: os carros por assinatura, por exemplo.

As montadoras têm focado seus portfólios em veículos com maior valor agregado (SUVs) e, conseqüentemente, maior lucratividade. Com isso, a redução significativa de modelos de entrada (carros populares). Para se comprar o carro mais barato do mercado hoje, o consumidor precisa de 40 salários mínimos.

Outro fator preponderante do segmento é a movimentação local da indústria no processo de descarbonização, acelerado após a COP26. Discussões e anúncios das montadoras acerca de seus portfólios de produtos aderentes ao processo de descarbonização, veículos híbridos, veículos elétricos, etanol, hidrogênio, biomassa, vis a vis da matriz energética brasileira e infraestrutura.

Aceleração das discussões sobre aplicabilidade do 5G na indústria, foco na monetização, entrega de novos serviços, otimização de processos, relacionamento com o cliente.

Fonte: ANFAVEA - Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores.

Autoveículos: Automóveis, Comerciais leves, Caminhões e Ônibus		Realizado 2020	Realizado 2021		Projeções 2022	
		Mil unidades	mil Unidades	Δ %	mil unidades	Δ %
Licenciamento	TOTAL	2.058	2.120	3,0	2.300	8,5
	Veículos leves	1.955	1.977	1,1	2.143	8,4
	Veículos pesados	104	143	37,8	157	10,0
Exportações	TOTAL	324	376	16,0	390	3,6
	Veículos leves	307	349	13,8	361	3,3
	Veículos pesados	17	27	55,1	29	7,7
Produção	TOTAL	2.014	2.248	11,6	2.460	9,4
	Veículos leves	1.905	2.071	8,7	2.268	9,5
	Veículos pesados	109	178	62,5	192	8,2

Fonte: ANFAVEA

Tendências

Segundo a Pesquisa SAE/KPMG/AutoData sobre Mobilidade 2021, temos as seguintes Tendências apontadas:

Estratégia: Em termos de estratégias de curto prazo, a pesquisa identifica novos mantras das indústrias do setor, como o foco dos investimentos na transformação digital a serviço da produtividade e da melhoria da experiência dos clientes. Também aparece com força a necessidade de parcerias estratégicas, alianças e fusões, para bancar o custo dessa transformação. E, ainda, o protagonismo crescente dos serviços ligados à mobilidade, que acabam moldando até a definição do portfólio de produtos de cada empresa.

A descarbonização do setor automotivo é fator preponderante, apontando a necessidade de que todos os elos da cadeia automotiva tenham clareza sobre as rotas tecnológicas e energéticas que o Brasil terá nas próximas duas décadas.

Modelo de negócio: O processo de distribuição da indústria automotiva está em contínua transformação para se adequar às novas necessidades e hábitos de consumo do cliente no Brasil. A pesquisa mostra uma expectativa de redução no número de concessionárias que atuam no modelo tradicional. A tendência é que os showrooms fiquem cada vez menores e sejam mais digitalizados e o foco da operação fique cada vez mais para a área de pós-vendas. O consumidor tem buscado novas alternativas de mobilidade como car sharing, aluguel, carro por assinatura etc., o que deve acelerar a venda direta através do surgimento de novas empresas fornecedoras desses tipos de serviços.

Experiência do consumidor: O consumidor está mudando e sua jornada pode começar meses antes da efetivação da compra. A oferta de conteúdos especializados sobre o setor automotivo é crescente e os clientes têm a oportunidade de acessar diversas informações antes mesmo de chegarem às concessionárias.

Eficiência energética, redução de emissões, eletrificação, direção autônoma, carros conectados com plataformas de conteúdos, e-commerce, e serviço de carros por assinaturas fazem parte das novas demandas do mercado.

Segundo dados da pesquisa, a maior parte dos consumidores (54%) deseja que as montadoras compreendam totalmente suas necessidades e preferências.

A pesquisa também aponta que grande parte dos consumidores já conhecem as novas tecnologias disponíveis nos automóveis.

Receptividade à inovação: A Mobilidade como Serviço (MaaS) aparece como demanda crescente e potencial entre os serviços ofertados. Um novo grupo de consumidores optando por serviço de mobilidade. Diante desse cenário, a indústria vem revisando processos e adaptando profundamente a forma de atuar, aplicando novas possibilidades ao portfólio. Será imprescindível manter a mesma qualidade e atenção que se dá aos produtos e serviços nessa oferta de soluções em mobilidade.

Veículos elétricos: O foco global mudou para a descarbonização e, a partir do momento em que isso ocorreu, o Brasil passou a ser um protagonista mundial no uso da biomassa. O resultado da pesquisa confirma: a descarbonização é um tema muito importante hoje. O veículo híbrido vai nessa direção. Os elétricos ainda são caros, mesmo os menores. As montadoras já estão trabalhando em ofertas para atender às metas de eficiência e há vários projetos no sentido dos híbridos, especialmente em conjunto com o uso do etanol.

O processo de transformação do powertrain veicular de combustão interna para elétrico passa necessariamente por políticas de incentivo, tanto para comercialização quanto produção local.

Fonte: Pesquisa de mobilidade SAE/KPMG/Auto Data

Hot topics

A nova realidade motivada pela COVID-19, o cenário global de restrição de insumos e desafios logísticos, com aumento significativo dos custos, faz com que as empresas tenham que percorrer um longo caminho, exigindo reservas de capital para resistir e transformar modelos operacionais e de negócio para emergirem mais fortes e mais alinhadas com as mudanças nas prioridades e nos padrões comportamentais dos consumidores.

Modelo de Negócios:

Criação de novas linhas de receita através de ofertas de serviços ligados à mobilidade, à conectividade e ao pós-venda. Criação de ofertas que reduzam o ticket de entrada e o TCO dos produtos (subscrição). Criação de ofertas que equilibrem customização de produtos e maior eficiência operacional (just in time). Criação de cultura digital na relação com os consumidores durante toda a jornada. Robustecimento de estratégia de customer experience e de exportação (mais produtos e mais mercados).

Modelo Operacional:

Redução de custos operacionais (RPA no backoffice, home office, onde aplicável). Aumento de eficiência operacional (just in time), soluções Indústria 4.0. Redução do número de dealers e fornecedores, ambos de maior porte, e de dependência de importação de peças e componentes (risco cambial).

Mudanças de Hábitos dos Consumidores:

Procura por produtos com ticket de entrada e TCO mais baixos. Elevação do awareness sobre segurança sanitária. Revalorização da posse do próprio veículo e racionalização do uso de serviços de mobilidade/transporte público.

Estratégia Lean:

Robustecer o painel de indicadores financeiros/operacionais com utilização de novas tecnologias.

Fonte: KPMG – Nova realidade Covid-19 após 1 ano

Hot topics

Colaboradores:

Elevação da dinâmica de home office.

Estrutura de Capital:

Robustecer estratégias comerciais/operacionais/financeiras que ofereçam melhor margem e menor risco.

Gestão de Riscos:

Aperfeiçoamento do acompanhamento da saúde financeira e operacional de dealers e fornecedores, redução da dependência de receita advinda da venda de produtos.

Tecnologia:

Modelos de governança, soluções de segurança (Cyber), digitalização; soluções adjacentes ao ERP como WMS, Transportation.

Fonte: Material 1-ano pós Covid (adaptado)



Oportunidades e Desafios

Oportunidades

Rota 2030:

No final de 2018, o governo federal aprovou a nova política de estímulo ao setor, denominada Rota 2030. Esse programa concede benefícios fiscais não só às montadoras de veículos (OEMs), mas também aos fornecedores de peças e sistemas. O programa tem duração de 15 anos. A concessão de benefícios fiscais está fortemente baseada em investimentos a serem realizados em inovação, pesquisa e desenvolvimento de novos produtos, segurança veicular e eficiência energética.

Os benefícios fiscais estão fortemente associados ao imposto de renda pessoa jurídica, o que, em termos práticos, significa que os benefícios são efetivamente explorados se as empresas estiverem em uma posição lucrativa.

Fonte: ANPEI

Desafios

Produção: o distanciamento social levou ao fechamento de plantas de toda a cadeia, onde os players menores sentem ainda mais os problemas de caixa. A retenção de pessoas e câmbio elevado na importação de peças (sem falar de desabastecimento), custo de logística, pressionam a margem de lucro e a retomada de operação.

Vendas: o distanciamento social levou ao fechamento das lojas, amplificando o problema da carência de oferta de serviços alternativos (ligados à mobilidade) e estratégia on-line mais robusta.

Exportação: a demanda do maior destino de exportação (Argentina) que já estava fraca em razão da crise econômica, piorou ainda mais. A falta de uma estratégia de exportação mais robusta e diversificada dificulta a busca de alternativas, pois os produtos locais têm grau de competitividade em vários mercados target.

Fonte: Material 1-ano pós Covid (adaptado)



Principais *players*

Os principais players

Segundo dados da Fenabrave (Federação Nacional Distribuição Veículos Automotores), as 10 maiores empresas brasileiras são responsáveis por mais de 90% do mercado automotivo. A saída da Ford do Brasil impactou e muito no número de vendas da marca, deixando o *market share* da empresa em torno de 1%. A Fiat (do grupo FCA) conquistou território ficando em primeiro lugar em share em 2021, tirando o pódio da General Motors.

Fonte: ANFAVEA

Market share

No quadro abaixo apresentamos a composição da participação de mercado por *players* no triênio 2019-2021.

	<i>Market player</i>	2019	2020	2021
<i>Market Share</i>	General Motors	19,1%	19%	13%
	Volkswagen	16,6%	18%	17%
	Renault	10,1%	8%	7%
	Hyundai	8,6%	10%	11%
	FCA	8,6%	17%	24%
	Toyota	8,2%	7%	8%
	Ford	7,8%	7%	1%
	Honda	5,3%	5%	5%
	Nissan	4,2%	3%	3%
	Outros	6,0%	6%	11%

Fonte: ANFAVEA

Manufatura Industrial



Visão geral

Após uma recessão em 2020, o crescimento da economia não atingiu os patamares esperados em 2021. Mas, segundo projeções da Confederação Nacional da Indústria (CNI), o Produto Interno Bruto (PIB) deve ter alta de 4,5% para 2021, aquém das expectativas das projeções mais otimistas.

Diante dessas previsões de crescimento, o cenário brasileiro pode variar de acordo com duas possibilidades: em um cenário mais desfavorável, em virtude da pandemia, com inflação insistente e normalização das cadeias produtivas mais lenta e incompleta, a economia pode crescer apenas 0,3%. No cenário mais otimista, com inflação controlada e política monetária mais dinâmica, o crescimento pode chegar a 1,8% em 2022.

Os maiores desafios desse ano, de acordo com a CNI, são a inflação elevada, consequentes altas nas taxas de juros, o endividamento maior das famílias, a escassez de insumos e matérias-primas e os custos de energia em elevação. Além disso tudo, há incertezas sobre o andamento da pandemia e o temor de retrocessos, como se tem observado na Europa.

A recuperação da indústria de transformação em 2021 ficou muito abaixo do projetado para o ano. Se antes a expectativa era fechar 2021 com alta de 7,9%, a projeção da CNI é que ela aumente apenas 5,3%, afetando, diretamente, as previsões para 2022. Considerando um cenário base, a indústria de transformação deve crescer 0,5% no próximo ano. Em um cenário otimista, poderá registrar alta de 1,5% e, num cenário pessimista, cair 2,5%.

Fonte: CNI

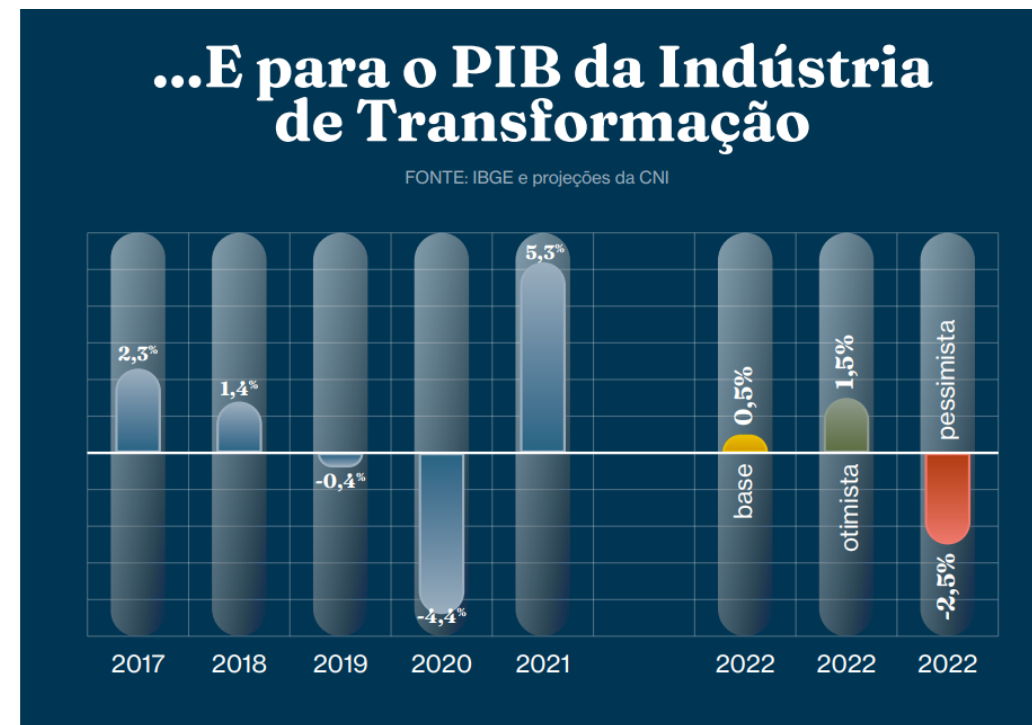
Visão geral

Já o setor da construção reagiu de maneira positivamente inesperada, fazendo a CNI rever a previsão de crescimento em 2021: passou de 5% para 8,2%. Entretanto, como é um dos setores que mais sofrem com as altas das taxas de juros, para 2022, a expectativa é registrar uma alta de apenas 0,6% em um cenário-base. No cenário otimista, o crescimento pode alcançar os 2% e, no pessimista, com política monetária mais restritiva e dificuldades mais persistentes de insumos, o crescimento seria próximo de zero em 2022.

Em 2021, a taxa de desocupação deve ficar em 13,4%. As projeções da CNI revelam que, em 2022, ela será ligeiramente inferior, caindo para 13%.

A inflação, que encerrou esse ano em 10,06%, poderia sofrer uma desaceleração no ano que vem, mas ficar em torno de 8%, enquanto o câmbio deverá encerrar 2022 no mesmo patamar de 2021, sujeito a fortes variações.

Fonte: CNI



Fonte: CNI

Tendências & hot topics

Geração de receita e novos modelos de negócio

- Diversificar linhas de negócio e de geração de receita.
- Novos modelos de negócio baseados em serviços e dados provenientes da operação.
- Adequação da força de trabalho e de gestão de pessoas.
- Negociações com autoridades governamentais, visando programas de incentivo para a indústria.
- Diversificação dos negócios (conglomerados).
- ESG como um *drive* fundamental da gestão estratégica da indústria.
- Perfil da força de trabalho: foco em transformação digital.

Eficiência operacional

- Indústria 4.0: Integração IT & OT.
- Supply Chain + Third Party Risk Management, ampliação da discussão sobre a nacionalização de peças e componentes.
- Perfil da força de trabalho: foco em transformação digital.
- Aceleração operacional através da digitalização.
- Fortalecimento da gestão do caixa.
- Maior investimento no uso de tecnologia para a integração da cadeia.

Oportunidades e Desafios

Oportunidades

- Aceleração da produção através da Indústria 4.0, atuando como acelerador da eficiência operacional e gerador de novos modelos de negócio.
- Aprovar a reforma tributária - tributação sobre consumo.
- Regular o Sistema Nacional de Garantias de Crédito.
- Acelerar a implantação das redes 5G no Brasil.
- Reduzir a burocracia e os custos do comércio exterior.

Desafios

- Aperfeiçoamento do modelo de produção para acomodação do modelo de trabalho híbrido.
- Gestão de insumos e matéria-prima para alimentar a cadeia produtiva.
- Possível redução de oferta de capital de giro no sistema financeiro.
- Manutenção da saúde operacional, diante dos impactos do Custo Brasil, ainda mais agravado na pandemia.
- Situação fiscal brasileira impacta no custo de financiamento à produção.
- Formação de capital humano com capacidade de definir e desenvolver novos produtos e introduzir a digitalização na indústria.



Principais *players*

Top 10 indústrias (em receita) de manufatura segundo o *ranking* do Valor Econômico de 2021:

TOP 10 Indústrias de manufatura (Bilhões)		
1	Suzano Papel e Celulose	R\$ 30,46
2	WEG	R\$ 17,46
3	Votorantim Cimentos	R\$ 16,73
4	Klabin	R\$ 11,94
5	Saint-Gobain	R\$ 8,86
6	Dexco	R\$ 5,87
7	Eldorado Brasil	R\$ 4,42
8	IP Brasil	R\$ 4,02
9	CMPC	R\$ 3,88
10	Tigre	R\$ 3,33

Fonte: Valor Econômico (2021)



Agronegócio



Visão geral

Apesar de ter sido atingido pela crise hídrica de 2021, o agronegócio brasileiro conseguiu manter altos índices de produção, contribuindo para o abastecimento interno, a manutenção da economia e o desempenho positivo da balança comercial. Ademais, o setor segue como um grande exportador, somando um valor recorde de US\$ 120,59 bilhões (+19,7%), que ocorreu em função do aumento do índice de preços dos produtos (+21,2%). Nesse sentido, é evidente que, apesar do nosso agronegócio manter uma parte bastante relevante da produção no abastecimento interno, o seu protagonismo no mercado mundial está cada vez mais consolidado. As exportações são essenciais para o agronegócio em si, e para o Brasil como um todo, e é fato que, apesar das adversidades enfrentadas no ano anterior, o setor do agronegócio brasileiro não apenas resistiu de forma notável aos reveses causados pela falta de chuvas, como também tem se posicionado de uma forma muito estratégica como exportador líquido de alimentos.

Para 2022, embora as expectativas sejam menores em relação ao ano anterior, o prognóstico continua sendo positivo e de franca expansão na maioria dos segmentos do agronegócio.

Dentro das porteiras, por exemplo, a expectativa de crescimento para o ano corrente é de 4,4% (Valor Bruto da Produção – VBP), com destaque para a força da agricultura.

Sendo assim, os desafios que se colocam para o agronegócio brasileiro são os de continuar crescendo, preservando a rentabilidade, a sustentabilidade e criando novos paradigmas de confiança com o consumidor. Para tanto, o setor conta com tecnologias biológicas, físicas e agora digitais. A transformação digital do agronegócio tem promovido mudanças disruptivas na cadeia de valor agroalimentar, que tem no consumidor seu ponto focal. Conectividade, agrícola 4.0, backoffice 4.0, soluções digitais preditivas, plataformas digitais, tecnologias de rastreabilidade, HUBs de inovação estão sendo difundidos no setor de agronegócio do Brasil. A tecnologia 5G, as mudanças de crédito rural e a nova regulamentação de pagamentos de créditos no Brasil, são potenciais aceleradores das agendas positivas do agronegócio no país.

Fonte: Cepea/Esalq-UPS; MAPA

Visão geral

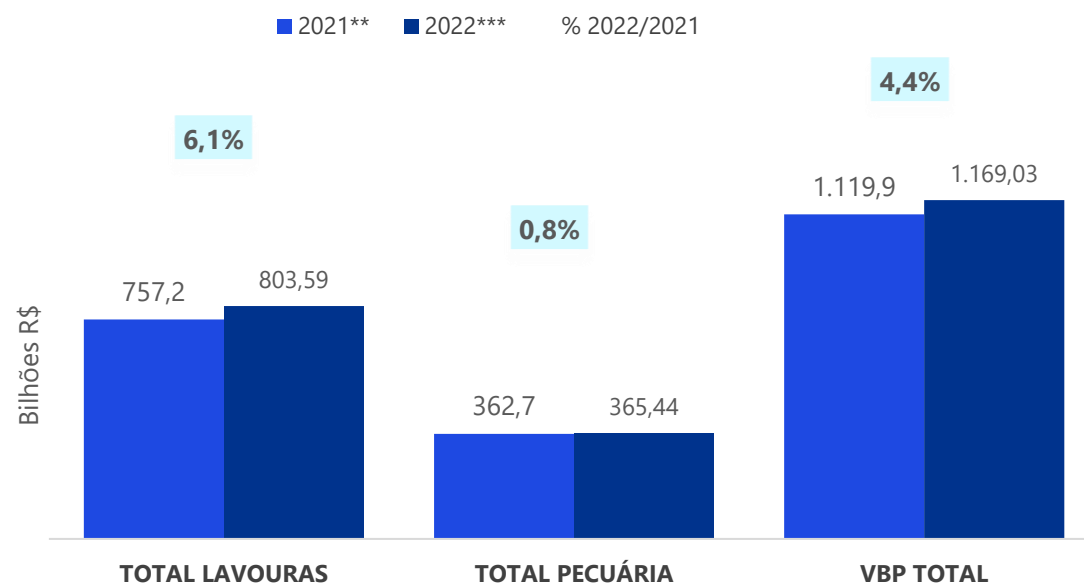
Valor Bruto da Produção (VBP) – Agropecuária

Os produtos agrícolas com melhor desempenho em 2021 foram a soja, o milho, a cana-de-açúcar, o café e o algodão, representando 87% do VBP das lavouras. Já na pecuária, os destaques foram a carne bovina e o frango, que, além dos benefícios obtidos no mercado interno, apresentaram bons resultados nas exportações.

Quanto às expectativas para 2022, estima-se que, nas lavouras, os índices do milho, cana-de-açúcar, café e algodão continuarão crescendo, todavia, a soja terá uma variação negativa de -2,3% em relação ao ano anterior. No que diz respeito à pecuária, o frango continuará em alta, com uma variação de 9,6% em relação a 2021. Por outro lado, a carne bovina, que antes ocupava a primeira posição no *ranking* dos produtos da pecuária, terá uma baixa de -8% em relação ao ano anterior.

Fonte: KPMG, MAPA

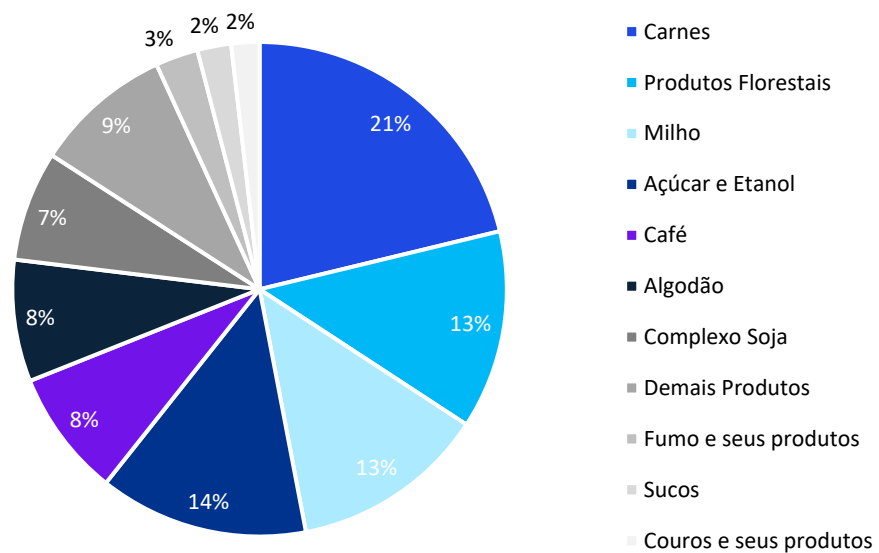
VBP Agropecuária – Brasil



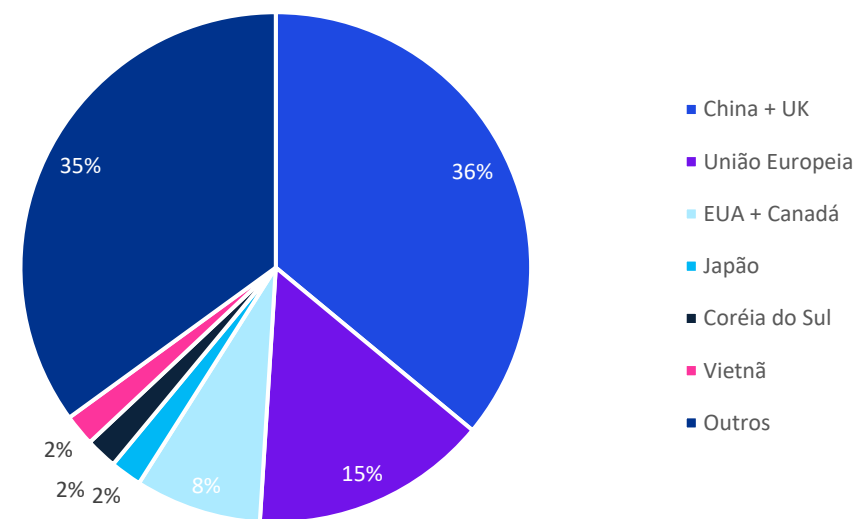
Visão geral

O protagonismo do Brasil no agronegócio global

Produtos das exportações do Brasil



Destinos das exportações do Brasil



Fonte: MAPA

Tendências

| Expectativas para o crescimento do agronegócio

Estimativas para o PIB do agronegócio em 2022

Não obstante a boa recuperação da agropecuária no ano de 2021, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil deve crescer apenas 0,5%, conforme relatório da Organização das Nações Unidas (ONU). Entretanto, ao focar especificamente no setor do agronegócio, encontramos boas expectativas para o futuro, o que é um fato extremamente relevante, visto que o setor é responsável, em média, por 20% do PIB do país.

Fonte: CEPEA e CNA, 2021

Segundo projeções do Cepea e da Fundação Getúlio Vargas (FGV), no ano de 2022 estima-se que o agronegócio brasileiro será a principal alavanca da economia brasileira, com uma expectativa de crescimento de 5% até o final desse ano.

O prognóstico positivo para o segmento está ligado à melhora do cenário hídrico em relação ao ano passado, quando o país enfrentou a pior crise hídrica dos últimos 91 anos.

Fonte: CEPEA e FGV, 2021

Previsões para crescimento da produção do agronegócio no Brasil (2019-2029)



Milho

Produção 51%
Área plantada 32%
Produtividade 15%



Soja

Produção 44%
Área plantada 24%
Produtividade 17%



Carne bovina

Rebanho bovino 9%



Carne suína

Produção 35%



Lácteos

Produção 39%

Fonte: MAPA

Oportunidades e desafios

Desafios

Desafios do agro global e local

O Agribusiness global terá que alimentar um contingente adicional de 2,5 bilhões de pessoas nos próximos 30 anos. Para tanto, a produção comercial de ração animal precisará aumentar em 70% até 2050, de acordo com estimativas da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO).

O desafio que se coloca de imediato para o *agribusiness* é aumentar a produção agrícola de forma rentável, dada a crescente competição pelas áreas agricultáveis e pelo uso da terra.

Além de produzir mais e aumentar a rentabilidade da produção, é preciso fazê-lo atendendo às crescentes exigências dos consumidores finais em relação à forma como o alimento é produzido.

O *agribusiness* global terá que alimentar nos próximos 30 anos:

- **+2,5 bilhões de pessoas**

A produção comercial de ração animal precisará aumentar em:

- **+70%**

O uso de terras produtivas para agricultura estará sob crescente pressão, não só pela demanda por mais produção, mas pelo aumento das exigências ambientais e éticas dos consumidores finais em relação à forma como o alimento é produzido. A ameaça de destruição de valor, causada por narrativas negativas, está crescendo a cada dia.

Fonte: FAO, 2021



Oportunidades e desafios

Oportunidades

Jornada de geração de valor do agronegócio no Brasil

Rentabilidade

- Geração de mais valor sobre a base de ativos;
- Ferramentas de agricultura de precisão;
- Integração lavoura-pecuária e tendências envolvendo essa associação;
- Soluções digitais e IoT que aumentam a intuição sobre processos;
- Repensar a propriedade de ativos fixos.

Sustentabilidade

- Mais produção com menos insumos;
- Gerenciamento sustentável e eficiente de recursos;
- Redução do uso de água e terra, do uso de fertilizantes, defensivos, soluções biológicas;
- Adequação para uma economia de baixo carbono;
- Economia circular.

Diversificação de fontes de financiamento

- Aumento do financiamento privado do agronegócio;
- Disseminação dos títulos para o agronegócio: CPR Digital, CRA para médias empresas do setor, CDCA para agroindústrias;
- Financiamentos “verdes”;
- Captura de financiamentos de máquinas agrícolas por plataformas digitais;
- Modernização e desburocratização do crédito rural — sistemas de pré-aprovados em canais digitais.

Novos paradigmas de confiança

- Rede de valor do agronegócio moldada pela percepção do consumidor e demais *stakeholders*;
- Selos de confiança — Certificações, auditorias de confiança;
- Transparência de dados/informações;
- Segurança cibernética;
- Incorporação de aspectos socioambientais e de governança (ESG) nos modelos de negócios para atender às demandas crescentes dos consumidores e *stakeholders*.

TMT

Tecnologia, Mídia e Telecomunicações



Visão geral

O setor de telecomunicações ao redor do mundo organiza-se geralmente em torno da competição de entes privados, regulados e fiscalizados através de agências reguladoras geridas pelo poder público. O Brasil também segue essa lógica, possuindo praticamente quatro operadores que dominam as telecomunicações, os quais estão sujeitos à regulação/fiscalização da ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações), e operam dentro de um ambiente competitivo, que torna frequente a disputa via preço dos serviços ofertados. O foco das companhias na oferta de serviços de dados móveis e de banda larga fixa acompanha a tendência mundial. No Brasil, os serviços de telecomunicações são segmentados através das siglas STFC, SeaC, SCM e SMP; existem outros segmentos, mas esses são os mais visados pelo mercado.

Serviço Telefônico Fixo Comutado (STFC):

É o serviço que, por meio de transmissão de voz e de outros sinais, destina-se à comunicação entre pontos fixos determinados, utilizando processos de telefonia. De forma simplificada, é a telefonia fixa.

Serviço de Acesso Condicionado (SeAC):

É o serviço, cuja recepção é condicionada à contratação remunerada por assinantes e destinado à distribuição de conteúdos audiovisuais na forma de pacotes. É a tradicional TV por assinatura. Nos últimos anos esse serviço vem sofrendo forte pressão pela disputa com serviços de streaming, como Netflix e Amazon Prime.

Serviço de Comunicação Multimídia (SCM):

É um serviço fixo, prestado em âmbito nacional e internacional, que possibilita a oferta de capacidade de transmissão, emissão e recepção de informações multimídia, permitindo inclusive o provimento de conexão à internet. São as conexões de banda larga fixa.

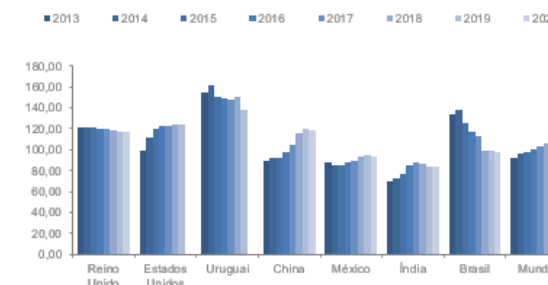
Serviço Móvel Pessoal (SMP):

É o serviço móvel terrestre que possibilita a comunicação de estações móveis e para outras estações (centrais de comutação). É a comunicação por celular. Em um futuro próximo, esse serviço será profundamente modificado pelo 5G.

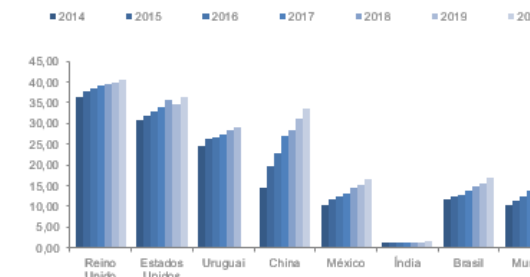
Fonte: LAFIS



Linhas de telefonia móvel - acessos por 100 habitantes



Linhas de banda larga fixa - acessos por 100 habitantes



Tendências

Fonte: LAFIS

Negócios em consolidação contínua, transformação e rupturas que desafiam as marcas a manter o compromisso de entrega das promessas em uma experiência diferenciada para seus clientes.

- Do ponto de vista legal, as alterações da LGT representam um avanço, considerando que nos dias de hoje faz mais sentido investir para ampliar a cobertura de banda larga fixa e não da telefonia fixa, considerando que a tendência já observada nos últimos anos aponta para uma maior utilização da internet e não de serviços fixos de voz, fato que torna-se evidente no comportamento do consumidor nos dias de hoje.
- Observa-se que a penetração dos serviços de TVA é inferior aos serviços de banda larga fixa e móvel, além de apresentar uma tendência de substituição por serviços similares, como é o caso dos serviços de streaming, que se por um lado se apresentam como serviços complementares à utilização de internet, por outro lado mostram-se substitutos aos serviços de TVA.
- Outro segmento das telecomunicações que vem apresentando uma tendência de redução do número de acessos é a TV por assinatura (14,9 milhões de acessos em 2020), fruto de uma tendência dos clientes em optar pela programação que deseja consumir e não depender da programação e dos horários dos canais da TV paga. Cabe destacar que as empresas do setor de telecom estão tentando se adaptar a essa realidade, por meio de conteúdos sob demanda e maior flexibilidade dos seus pacotes de serviços.
- A melhoria nos serviços de Customer Experience e Prevenção de Fraudes, e a consolidação dos ISPs em todo o país também são pauta para discussões sobre tendências gerais do setor.

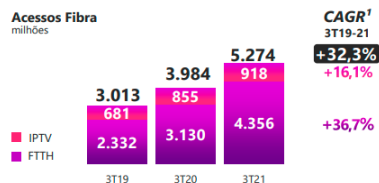
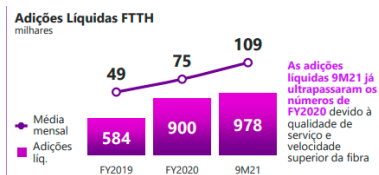
Nova realidade

Foco nos Segmentos de Alto Valor

Expansão o footprint de FTTH e 4.5G

VIVO

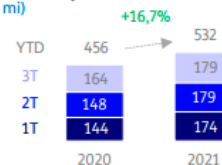
“Receitas de fibra atingem R\$ 1,5 bilhão com expressivo crescimento fixo composto, impulsionado pela aceleração das adições líquidas mensais.”



TIM

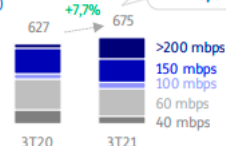
- O acordo da FiberCo iniciará uma nova era de expansão da fibra, preparando para a aceleração do *rollout* de FTTH em 2022.

Receita Líquida da TIM Live
(R\$ mi)



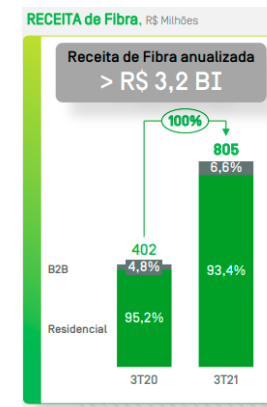
Tendência do 4T mostrando sinais de melhora

Base de Acessos
(mi)



OI

- Por mês são conectadas 109 mil casas através da fibra, com isso totaliza 3,2 milhões de casas conectadas.



Nova realidade

I Novos investimentos e parcerias

Fonte: <https://vocesa.abril.com.br/> e <https://investidor.estadao.com.br>

Oi

A Oi tem 1,3 milhões de investidores pessoa física. É a segunda com maior número de acionistas, no entanto, segundo Rodrigo Abreu (presidente da Oi), um dos planos menos compreendidos é justamente a operação de fibra. A infraestrutura de rede foi separada em uma nova empresa, chamada de V.tal. A Oi vendeu 58% dessa empresa para o BTG Pactual. Segundo o CEO, com um sócio, a nova empresa terá uma capacidade de crescimento multiplicada. Se mantiver a operação de infraestrutura dentro da Oi, ela não se valorizaria do mesmo jeito porque não teria condições de investir os R\$ 30 bilhões que a V.tal vai desembolsar ao longo dos próximos cinco anos.

TIM

O grupo de telecomunicações TIM avalia fazer um investimento adicional de 2,2 bilhões de reais em 2022 em relação ao plano anterior que não incluía o futuro resultado do leilão 5G. Segundo os CEO's da empresa, a TIM já tem contratos de fornecimento de equipamentos acertados com a Ericsson e a Huawei, que vencem no final de 2022. Eles afirmaram que a empresa, que já vem há alguns meses testando o serviço 5G em alguns locais do país, quer lançar o serviço "o quanto antes".

A TIM deve anunciar também, entre janeiro e fevereiro de 2022, de três a cinco parcerias adicionais nos moldes das já feitas com o C6. A operadora trabalha para alavancar seus negócios por meio de oferta de conteúdo a usuários e clientes empresariais e, além de banco digital e educação, avalia acordos nas áreas de telemedicina, conteúdo e marketplaces com função financeira, além de energia.

Além das parcerias, a TIM estuda eventuais cisões de negócios em áreas que incluem Internet das Coisas (IoT) e publicidade em dispositivos móveis.

Nova realidade

Inovação Digital

Fonte: LAFIS e Telesíntese

Novos serviços de IoT, SVAs e serviços multisetorial, soluções massivas de baixo custo

VIVO

- A VIVO está avançando além dos serviços telco, tornando-se um *hub* de parceria para soluções digitais

TIM

- **Desenvolver IoT em escala e monetizar verticais**
ConectarAGRO - Unica operadora nessa iniciativa desenvolvendo soluções para o agronegócio
- **Nova parceira com o C6 Bank**
Primeira parceria entre uma telco e banco para desenvolver soluções conjuntas
- **Mobile Advertising**
Campanha de testes do **TIM Ads** para clientes do pré-pago: recompensa em pacote de dados por visualização de vídeo

CLARO

- **Claro + Plug and Play**
A Claro se junta à plataforma global de inovação para buscar novas oportunidades de negócio com *startups*
“A parceria com a Plug and Play estabelece um grande ecossistema de colaboração, aceleração e co-criação com *startups*, principalmente nas áreas de IoT, Smartcities, casas e carros conectados, Indústria 4.0, agricultura conectada e *fintechs*”
Diretor de Marketing da Claro, Marcio Carvalho
- **Carro conectado da GM com 4.5G em parceria com a Claro**
Com o “Wi-Fi Powered by Claro”, passageiros podem utilizar o próprio veículo como *hotspot* para acessar a *internet* móvel da operadora, sem consumir dados do *smartphone*.

Nova realidade

I Transformação

A migração do 4G para o 5G

Fonte: NeoFeed; Telesíntese e Globo Investe Valor

VIVO

- A Vivo prometeu migração automática de todos os seus usuários do 4G para o 5G assim que as frequências forem liberadas e as antenas ligadas. No Futurecom, o vice-presidente de B2B da Telefônica Brasil, Alex Salgado, contou que a operadora tem planos para atualizar os terminais que estão no mercado há quase dois anos e oferecem suporte ao 5G. Os clientes poderão, após a atualização, usar a nova rede. O 5G será tanto para pessoas físicas quanto para pequenas empresas.

TIM

- A TIM vai investir cerca de R\$ 5 bilhões até 2029 para implantar a sua rede 5G, segundo o CEO Pietro Labriola, em entrevista ao site NeoFeed. A empresa de telecomunicação foi uma das vencedoras do leilão do 5G realizado pela Agência Nacional das Telecomunicações (Anatel), incluindo o pagamento das frequências e as obrigações previstas em edital. Entre as principais determinações da Anatel estão:
 - Migrar o sinal da TV parabólica para liberar a faixa de 3,5GHz para o 5G, arcando com os custos.
 - Construir uma rede privativa de comunicação para a administração federal.
 - Instalar a rede de fibra óptica, via fluvial, na região amazônica.
 - Levar a fibra óptica para o interior do país.
 - Disponibilizar o 5G em todas as capitais até julho de 2022.

OI

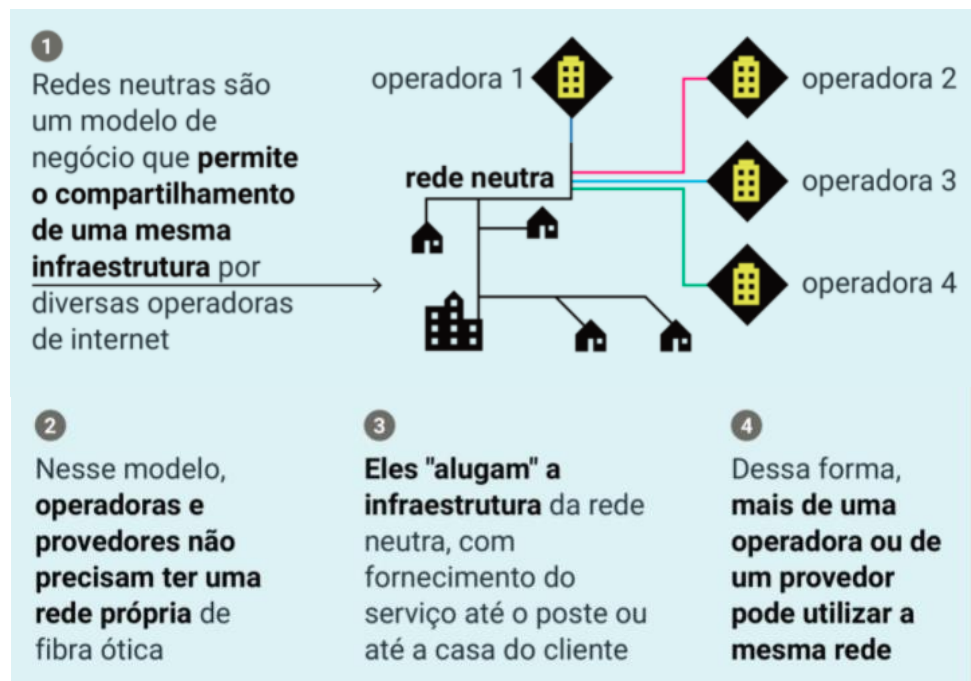
- A OI atingiu 195 cidades com FTTH no terceiro trimestre. Contudo, busca uma versão acelerada já começando os investimentos em 2022. A V.tal não é só uma empresa de FTTH, mas também uma empresa para o 5G, que vai precisar de muita fibra e a V.tal está preparada para atender a essa demanda.

CLARO

O Grupo América Móvil pretende investir R\$ 30 bilhões no Brasil nos próximos três anos. O projeto de investimento contempla o desenvolvimento e a aplicação da tecnologia de dados móveis 5G e atingir 1 milhão de aparelhos 5G em 2022.

Nova realidade

Oportunidade para *player* em rede neutra



Otimização de recursos para as operadoras, os provedores e as detentoras da infraestrutura.

Maior facilidade e agilidade na expansão das redes de fibra óptica.

Avanço para inclusão digital.

“Redes neutras podem ser o caminho para a inclusão digital”



Benefícios gerados pela infraestrutura host neutra



Nova realidade

Chegada 5G e suas oportunidades em B2B

“Para atender à mudança de demanda em direção ao uso centrado em dados, as telcos dividiram seus negócios em infraestrutura e serviços para "monetizar" seus ativos e desintegraram seus negócios entre a provisão de serviços de infraestrutura e conectividade”

Modelo Integrado Tradicional



- Oferecer os serviços de telecomunicações ao cliente final
- Possuir / controlar canais de vendas e distribuição
- Oferecer os serviços de atacado / rede de telecomunicações a outras operadoras
- Obrigações Regulatórias
- Alto-investimento de CapEx e OpEx com expectativas de ROI de curto prazo
- Desenvolvimento constante de infraestrutura / rede
- Responsabilidade nas operações e manutenção da rede

Novo Modelo Desintegrado (Network as a Service)



- | | | |
|---|--------------------------|---------------|
| • Oferecer os serviços de conectividade e de TIC para o cliente final | Telefônica | Vivo |
| • Desenvolvimento e vendas de serviços e aplicativos de Telecom | Tim | Claro |
| • Operação e manutenção de componentes da infraestrutura de rede ativa | American Tower | Phoenix Fiber |
| • Fornecer os serviços de atacado - capacidade e cobertura para os provedores de serviços | SBA | QMC |
| • Proprietário da infraestrutura de rede | • OI FibraCo | |
| • Construção e implantação da rede | • FiBrasil (TLF) | |
| • Aluguel de componentes de infraestrutura passiva | • IHS Fiber Brasil (TIM) | |

Fonte: Capgemini's telecom, media & entertainment journal

Nova realidade

Cliente Digital e Negócios Digitais

Relacionamento digital com clientes para segmentos B2C e B2B, RPA e AI / ML, Blockchain

Desde o início da pandemia, muita coisa mudou e a forma de se comunicar com o cliente também se desenvolveu:

80%

dos clientes consideram como fator decisivo a velocidade, conveniência e proatividade no atendimento

76%

dos clientes passaram a priorizar a experiência junto à empresa depois da pandemia, do que dados registrados antes de 2020

94%

das empresas investiram em novos canais de atendimento após a pandemia

Fonte: Gazeta do povo, Forbes

Ainda em 2020, dados divulgados pela Anatel registraram um aumento entre 40% e 50% no uso de *internet* no país. Em 2021, a Anatel também registrou um crescimento de 6,8% na telefonia móvel no Brasil, o que representa 14 milhões de novas linhas. Um dos grandes desafios do setor de telecomunicações é a mão de obra qualificada para implementar e dar suporte a serviços inovadores e à multicanalidade conquistada até aqui. A entrega das operadoras deve ir além da conectividade, pois passa a ser seu papel entregar uma solução completa de comunicação personalizada de acordo com as necessidades de cada cliente.

Nova realidade

Posicionamento Competitivo

Consolidação de ISPs competitivos

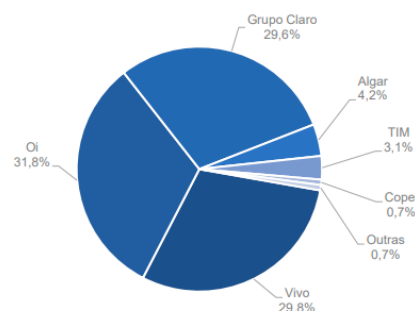
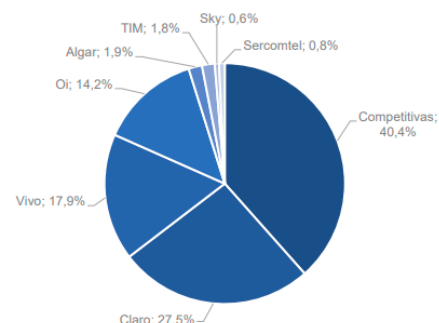
Banda Larga Fixa

(Fibra + Coaxial + Cabo Metálico)

- Em 2020, os provedores regionais de internet (ou ISPs) apresentam o percentual mais relevante de clientes seguido pela Claro em 2º lugar.

Banda Larga Fixa – Fibra

- Tais empresas são conhecidas como “provedores regionais/competitivas” e disponibilizam, geralmente via rede de fibra óptica, *internet* em municípios não atendidos pelas grandes empresas do mercado. Deve se destacar que há um número considerável de empresas atuando neste nicho de mercado das telecomunicações.



Fonte: LAFIS

Tendências no Mercado

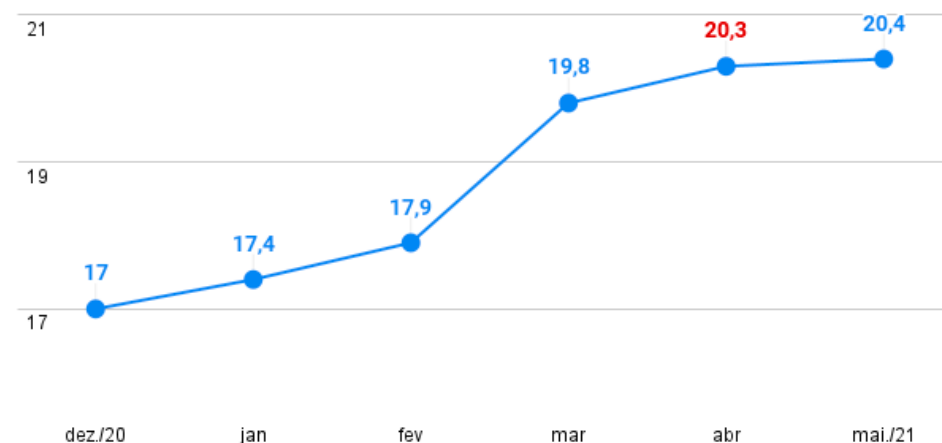
- O reposicionamento da Oi ficará no radar dos grandes players mundiais
- Fundos de private equity
 - Warburg Pincus, que tem uma carteira global de mais de US\$ 60 bilhões e ingressou este ano no capital da AmericaNet
 - Vinci Partners, gestor brasileiro com mais de R\$ 20 bilhões, formou a operadora Vero
 - B Capital, que está em forte expansão através de sua operadora, a Sumicity
 - O grupo Acon, que adquiriu seis operadores, mantém-se em negociações com outros operadores regionais
- Consolidadores
 - A Mob Telecom, recentemente, lançou debentures, em uma demonstração de que tem muito apetite para expansão.
 - A líder, Brisanet, resolveu adotar uma postura ainda mais agressiva: deixou os sertões do Nordeste para iniciar a competição com as grandes teles nas grandes cidades
- Torreiros
 - American Tower, que comprou a Cemig Telecom, e Fênix dão sinais de mais expansão

Nova realidade

Fibra já é realidade no Brasil

- O mercado brasileiro de banda larga fixa alcançou a marca de 20 milhões de contratos de banda larga fixa baseados em fibra ótica. Em maio, 20,401 milhões de clientes contavam com o serviço baseado na tecnologia, 3,4 milhões a mais do que no fim de 2020. O contingente equivale a 54% da base nacional.
 - Segundo dados da Anatel, que reajustou os dados da banda larga fixa reportados em abril, foi ainda no quarto mês do ano que os contratos em fibra ótica alcançaram o patamar de duas dezenas de milhões, totalizando 20,369 milhões naquele mês.
- Oi: + 607 mil, para 3,033 milhões de contratos em fibra ótica
 - Vivo: + 508 mil, para 3,999 milhões
 - Algar: + 102 mil, para 619 mil
 - Brisanet: + 94 mil, para 716 mil
 - TIM: + 46 mil, para 361 mil
 - Claro: + 19,8 mil, para 478,9 mil acessos em fibra.

Contratos de banda larga fixa via fibra ótica, em milhões



Fonte: Site do Governo Federal do Brasil; e Teletime.

Nova realidade

Novas Leis e Regulações

LGT, LGPD e PLC79

Lei Geral de Telecomunicações (LGT)

O presidente Jair Bolsonaro sancionou em dezembro de 2019 o novo texto da Lei Geral das Telecomunicações (LGT). As normas vigentes até agora não tinham alterações desde 1997. Princípios fundamentais:

- A garantia de acesso às telecomunicações para toda a população, a preços e qualidade adequada;
- Os consumidores têm direito à resposta às reclamações e às reparações de suas linhas de comunicação pelos prestadores;
- O poder público precisa estimular a expansão das redes de comunicações;
- Fortalecimento do papel regulador do Estado no setor;
- O poder público possui o dever de estimular a competição e diversidade na oferta de serviços de telecomunicações.

LGPD

- A lei Geral de Proteção de Dados entrou em vigor dia 18 de Setembro de 2020 e regulamenta o tratamento de dados pessoais por parte de empresas públicas e privadas. Com isso, qualquer empresa que incluir em sua base informações de seus clientes, por mais básicas que sejam — como nome e email—, deve seguir os procedimentos da nova lei.

PLC79/RBR

- Tema controverso potencializado pela proximidade do encerramento dos contratos de concessão

Principais Mudanças:

- Revisão de novos investimentos em banda larga
- Novo calculo bens reversíveis” das concessionárias e que seriam revertidos à União
- Autorização de criação de um mercado secundário de espectro, no qual as empresas privadas poderão vender ou alugar as frequências
- As ofertas comerciais da telefonia fixa em áreas sem competição
- Permite que haja renovações sucessivas, pela mesma operadora das frequências.

Consumo e Varejo



Visão geral

O setor de consumo e varejo é um grande propulsor para o país no que tange investimentos, crescimento e transformação do ambiente de negócios, diretamente relacionado ao desenvolvimento socioeconômico. Em 2020, o segmento de bebidas e alimentos obteve um faturamento de R\$ 789.2 bilhões, representando 10,6% do PIB e 24.2% dos empregos na indústria de transformação.

Fonte: Abre e ABIA, 2021.

O segmento de bebidas alcoólicas segue em alta no Brasil, tendência registrada desde o início da pandemia. A partir do momento que as medidas de isolamento social passaram a vigorar na maioria das cidades, a migração do consumo de bares e restaurantes para as residências foi latente. Segundo a Associação Brasileira de Bebidas (ABRABE), o faturamento de 2020 do segmento alcançou R\$ 141,1 bilhões, contra R\$ 137 bilhões em 2019, representando 1,9% do PIB brasileiro. As cervejas representam cerca de 90% do volume consumido no país. A enorme evolução do *e-commerce* propiciou a alta nos números.

Fonte: ABRABE, 2021

A alimentação fora do lar, Food Service (FS), que compreende restaurantes, bares, lanchonetes, padarias, serviços de *catering*, *vending machine* e redes de fast food, cresceu cerca de 11% ao ano nos dez anos que antecederam à pandemia, segundo levantamento da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (ABIA). Para 2022, a ABIA projeta um faturamento na casa de R\$ 166,9 bilhões, representando um crescimento de 28%.

Fonte: ABIA, 2021

Um dos reflexos das medidas restritivas impostas pela pandemia de Covid-19 foi a mudança na forma de consumir. As vendas *on-line* registraram um aumento recorde em 2020, de 68%, segundo os dados da Associação Brasileira de Comércio Eletrônico (ABComm) em parceria com a Neotrust. Estima-se ainda que 20,2 milhões de consumidores realizaram pela primeira vez uma compra pela *internet* em 2020 e 150 mil lojas passaram a vender também por meio das plataformas digitais. Foram mais de 301 milhões de compras pela *internet*, com um valor médio de R\$ 419, segundo o balanço. Para 2021, a Confederação Nacional do Comércio estima que o *e-commerce* no Brasil fechou o ano com um avanço de 38%, com um faturamento projetado de R\$ 304 bilhões.

Fonte: ABCOM, 20201

Visão geral

A vacinação em massa da população global contra a covid-19 tem alimentado as perspectivas sobre o fim da pandemia para o setor varejista. A diminuição do ritmo de contágio da doença provocou como resultado expectativas otimistas para a recuperação da economia. Essa é uma das conclusões do estudo KPMG 2021 CEO Outlook: Consumo e Varejo. A pesquisa ouviu CEOs do setor varejista entre os meses de junho e julho deste ano.

Foram entrevistados sete executivos brasileiros, 31 sul-americanos (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Uruguai e Venezuela), e 149 do grupo denominado “Core Countries” (Alemanha, Austrália, Canadá, China, Espanha, Estados Unidos, França, Índia, Itália, Japão e Reino Unido).

O otimismo em relação à economia possibilitou uma visão diversificada dos executivos do setor de varejo sobre os planos futuros para o crescimento. Entre os brasileiros, 14% dos CEOs se mostraram interessados em operações de fusões e aquisições (mergers and acquisitions – M&A) para os próximos três anos. As *joint ventures* também são importantes para o setor no Brasil, com 29% de líderes interessados nessa estratégia. Já o crescimento orgânico é a escolha de 14% dos CEOs varejistas brasileiros.

Os investimentos em tecnologia serão prioridade entre os líderes varejistas no país. Para 58% deles, as parcerias com provedores de dados terceirizados ganharão mais atenção, e para 42%, haverá uma dedicação maior para o avanço na digitalização e na conectividade de todas as áreas funcionais. A inovação digital é outro item que ganhará força no setor de varejo brasileiro: 86% dos CEOs do país veem a disrupção tecnológica mais como uma oportunidade do que uma ameaça.

Uma das mudanças ocasionadas pelas respostas ao combate da COVID-19 está relacionada às políticas de ESG (environmental, social and governance, em inglês) das empresas. Para 86% dos líderes brasileiros do setor de varejo, o novo cenário promoveu a alteração do foco para o componente social da ESG.

No entanto, dois desafios figuram na mente de 29% dos executivos brasileiros do setor: a ausência de uma estrutura global aceita para medir e divulgar o desempenho em ESG, e o ceticismo das partes interessadas em torno do *green washing* das divulgações de *performance* do tema.

Fonte: Estudo KPMG 2021 CEO Outlook: Consumo e Varejo

4 Macrotendências Globais para C&R



Novo ambiente de negócios

- A pandemia mudou hábitos de consumo e trouxe novas formas de trabalho.
- Aceleração na adoção da tecnologia, fazendo com que o setor avançasse rumo à digitalização, com investimentos significativos em sistemas de CX e front office.
- O crescimento exponencial do comércio digital, dos marketplaces e ecossistemas acelerou revisões de arquitetura tecnológica e de dados.
- Avaliação dos formatos no varejo alimentar, com o hiper perdendo espaço para atacarejos, além do fortalecimento do varejo de proximidade.
- Resignificação dos espaços, valorização de experiências, integração phygital.
- Metaverso desafiando o conceito de escassez e impulsionando a criação de uma nova realidade.



Repensar o Custo de Fazer Negócios

- As cadeias globais de suprimentos seguem com restrições e com dificuldade para se reestabelecer nos níveis pré-pandemia. Os valores de frete seguem muito acima dos valores históricos, principalmente no caso dos fretes marítimos.
- Pressões inflacionárias dentro e fora do Brasil têm levado as autoridades monetárias a tomar medidas que impactam diretamente o varejo, como juros mais altos e, consequente, restrição ao crédito.
- O custo de fazer negócios está cada vez mais alto e as ações tradicionais de redução de custos não são suficientes, sendo necessário buscar outras opções. O uso de inteligência artificial e de dados está cada vez mais frequente para reduzir custos.



Posicionamento & propósito

- As relações de consumo estão cada vez mais baseadas em confiança, o propósito e o posicionamento da marca são elementos fundamentais para criação dessa conexão com o consumidor e a sociedade.
- Em linha com o propósito, o ESG deve estar presente em toda a cadeia de valor, desde a relação com os fornecedores e parceiros, até o consumidor final.
- Os consumidores valorizam não apenas o produto ou o serviço, mas a experiência, a origem do produto, o descarte correto, colaboradores remunerados de acordo com o mercado.
- Inclusão e diversidade inseridos em todas as ações como forma de ampliação da capacidade cognitiva organizacional.
- Não basta falar em ESG. O propósito tem que ser genuíno.



Poder dos Consumidores

- O consumidor pós-COVID segue muito demandante e exigente, busca personalização, atuando em co-criação com os fabricantes.
- O poder de escolha do consumidor está crescendo exponencialmente, tornando-se um desafio constante para as marcas se manterem relevantes e rentáveis ao mesmo tempo.
- O uso de inteligência artificial está cada vez mais frequente para atrair novos clientes, entender seus hábitos de consumo e proporcionar uma experiência de compra mais assertiva e memorável.
- Consumidores conscientes e protagonistas realizando advocacy em mídias sociais para marcas éticas e socialmente responsáveis.
- O movimento de customer journey para life journey, exigindo que a marca faça parte da vida do consumidor, como forma de retenção e ampliação do lifetime value cycle.

Macro Tendências Globais traduzidas para América do Sul



Tendências América do Sul

Pessoas no Centro	Confiança	Customer Experience	Cooperação e Colaboração
<ul style="list-style-type: none"> • Cliente no centro, independente do canal. • Novas formas de trabalho. • Equilíbrio entre trabalho remoto e presencial. • Varejo seguro com foco nos colaboradores e clientes. • Maior utilização de ferramentas voltadas para produtividade. • Produtos e serviços desenvolvidos de fora para dentro. • Fluidez na comunicação por toda a organização. 	<ul style="list-style-type: none"> • Avanço da agenda ESG - Real preocupação com reputação, marca, sustentabilidade e metas Net Zero. • Diversidade, equidade e inclusão está no centro da estratégia ESG. • Consumo consciente: Economia circular, com aumento do reuso, compartilhamento e reciclagem. • Cumprir com o prometido. 	<ul style="list-style-type: none"> • Melhor experiência com menos contato. • Lojas inteligentes como hub de serviços e experiência. • Preço do produto, valor do frete e prazo de entrega como fatores de decisão nas compras. • Mídias sociais se tornam os principais meios de comunicação com clientes. • Influenciadores como peça fundamental de marketing. 	<ul style="list-style-type: none"> • Colaborar com outras empresas, inclusive concorrentes, fortalece o segmento, o mercado e a economia (Alianças de negócios); • Parceria entre empresas nos sistemas logísticos, principalmente para otimização de frete retorno, bem como para desenvolvimento compartilhado de práticas de ESG;
Supply Chain Inteligente e de rápida resposta	Ecossistemas e novos modelos	Poder dos Dados	Intensidade Tecnológica
<ul style="list-style-type: none"> • Maior transparência na cadeia de suprimentos. • Entregas ultra rápidas. • Diversidade no Delivery Contactless: Curbside pick up, BOPIS e BORIS. • Dark Stores e mini hubs como ponto central na estratégia last mile. • Visibilidade em tempo real dos pedidos. • Gestão de riscos na cadeia de valor. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ecossistemas digitais orientados a serviços, muito além do core do varejo. • Indicadores voltados para clientes. • D2C. • “N” Metaversos e a interoperabilidade entre eles. • Intensificação da agenda M&A e desinvestimentos. • Verticalização das operações. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dados como ativo estratégico. • Decisões baseadas em dados, incluindo sinais externos, permeando toda a organização. • Dados compartilhados pelos clientes, desde que exista alguma contrapartida. • Compliance com LGPD. • Predição como forma de aumentar a personalização e ganhar relevância junto ao consumidor. 	<ul style="list-style-type: none"> • Renovar arquitetura de infra e dados. • Automation com foco no cliente. • Novos sistemas de front office e gestão de clientes. • Revitalização dos sistemas de backoffice. • Segurança cibernética em toda a cadeia. • 5G viabilizando maior conectividade e velocidade.

Oportunidades e desafios

Oportunidades

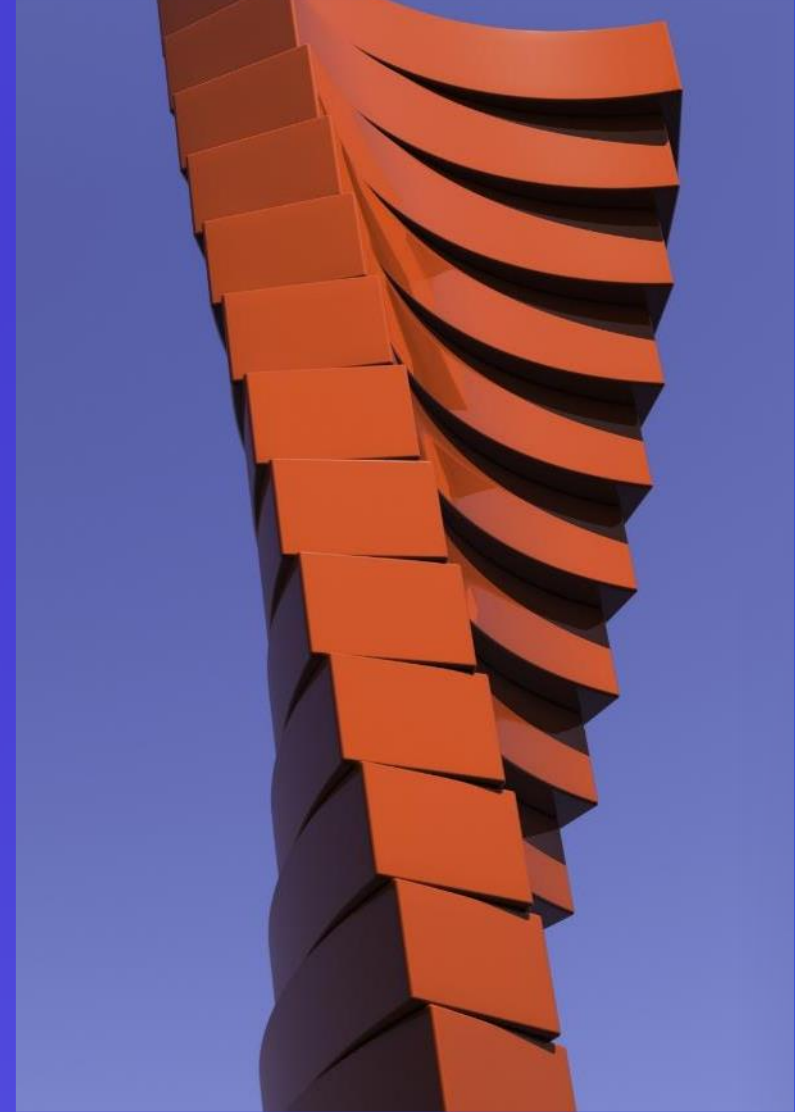
- **Customer centricity** – Conhecer os hábitos de consumo (B2B e B2C) e saber quando e o que oferecer (dados, experiência...), além de ganhar relevância junto ao consumidor. O uso de inteligência artificial e de dados está cada vez mais frequente para reduzir custos.
- **Jornada multicanal** – O cliente pode fazer pedidos e interações em diversos canais. Começar um pedido em um canal e seguir em outro (Omini-Time-In-Full). Aplicativo, Mobile e WhatsApp potencializando o *e-commerce*.
- **Disponibilidade e visibilidade** – Entregas B2B x B2C em até 1h e que permitam a rastreabilidade (onde e com quem está meu pedido?).
- **S&OP preditivo** – com base em IA, SCM Responsivo & Control Tower.
- **Transformação digital** – Tecnologia como estratégia, tanto para obter maior eficiência (digitalização) ou melhorar o relacionamento com o cliente, como também para criar novas formas de geração de valor. 5G viabilizando maior conectividade e velocidade.
- **Novos modelos de negócios** – D2C & Clubes de Compras Digitais Viabilizador de Novos Modelos – M&A ou parceiras para viabilizar Last-Mile, Modelos de Entrega Diversificados (Ex.: UBER, Zé Delivery, Pessoas Físicas on the go - etc.), além de Mini Hubs e Dark Stores, viabilizando last mile. Dark Stores utilizando realidade virtual e aumentada para melhor visualização dos produtos.
 - digitais e facilitados (Touchless/Pix) + financiamento da cadeia de suprimentos e dos pontos de vendas tradicionais.
- **ESG Mindset** – Embalagens, cadeia de suprimentos, dejetos, mão de obra “fair” na cadeia inteira, diversidade no time.
- **Mindset colaborativo** – Orientado ao cliente/maturidade e atitude correta sem prejuízo de resultados (startup communities, novas parcerias).
- **Mudanças no consumo** – Compras por aplicativos impulsionados por vídeos, mídias sociais e influenciadores.
- **Mudanças no serviço** – Novas políticas de trocas e devoluções — primeira troca com frete grátis; adaptação para viabilizar pesquisa por voz; clubes de compras ou serviços de assinatura — subscrição e reposição frequente; aumento do atendimento via *chatbots*, principalmente para FAQ.
- **Segurança cibernética** - Segurança cibernética em conjunto com outros fatores como, cadeia de suprimentos e de fornecedores, retenção de talentos e pressão inflacionária são algumas das ameaças que preocupam os executivos do setor.

Oportunidades e desafios

Desafios

- Gerenciar portfólio, com o objetivo de desinvestir em negócios de baixo desempenho ou não essenciais.
- Reduzir custos em todas as áreas da cadeia de produção (otimização da produção, alavancagem de escala na aquisição, simplificar e padronizar processos).
- As cadeias globais de suprimentos seguem com restrições e com dificuldade para se reestabelecer nos níveis pré-pandemia. Os valores de frete seguem muito acima dos valores históricos, principalmente nos casos de fretes marítimos.
- Aceleração brusca do canal digital, com novos *players* a cada dia. Logística urbana e segurança cibernética avançaram, mas em menor velocidade.
- Ser digital, aumentar as competências e desenvolver plataformas digitais.
- Investir em alavancas de crescimento na forma de investimento em P&D, suporte à marca e despesas de capital para apoiar o crescimento orgânico lucrativo, com um forte foco no capital de giro.
- O consumo nos lares não foi suficiente para compensar a perda de faturamento com o fechamento dos restaurantes e bares. Hábitos de consumo, mais conscientes e saudáveis, levaram a mudanças no portfólio e tamanho das porções.
- Avaliação dos formatos no varejo alimentar, com o hiper perdendo espaço para atacarejos, além do fortalecimento do varejo de proximidade.
- Pressões inflacionárias dentro e fora do Brasil têm levado as autoridades monetárias a tomar medidas que impactam diretamente o varejo, como juros mais altos e consequente restrição ao crédito.
- O custo de fazer negócios está cada vez mais alto e as ações tradicionais de redução de custos não são suficientes, sendo necessário buscar outras opções.

Infraestrutura



Visão geral

A infraestrutura inadequada tem sido amplamente vista como um dos principais empecilhos ao desenvolvimento no Brasil.

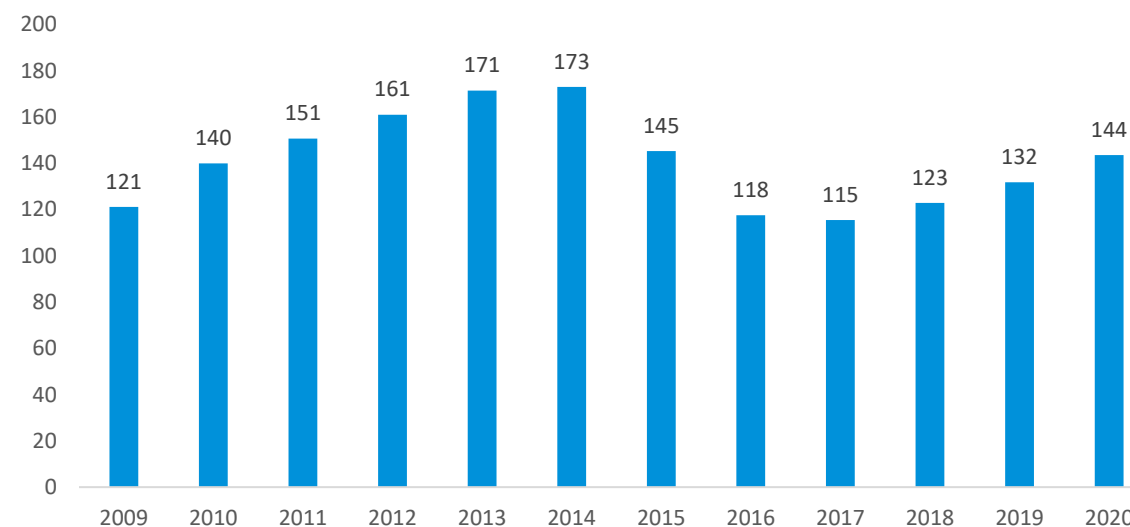
PIB brasileiro e Infraestrutura

1,86% Investimento do PIB entre 2008 a 2019 em Infraestrutura

2% Estimado para cobrir a depreciação e manutenção de ativos

4% Nível requerido para desenvolvimento sustentável

Evolução dos Investimentos em Infraestrutura
(Em valores constantes atualizados pelo IPCA 2018. Em R\$ bilhões)



Fontes: ABDIB (2019 e 2020), Banco Mundial

Visão geral

As concessões de ativos públicos à iniciativa privada deverão render ao país cerca de 260 bilhões em investimentos em infraestrutura até final de 2022, com leilões de grande porte em 2021 e em 2022, sendo a concessão de extrema importância para alavancar os investimentos em infraestrutura no Brasil. O ministro da infraestrutura, Tarcísio de Freitas, afirmou que os impactos econômicos não serão imediatos, mas que nos anos 2024 a 2026 o Brasil se tornará um grande “canteiro de obras”.

Em 2021 foi criado o programa Pró Trilhos, que vai impulsionar o surgimento de novas ferrovias de forma mais ágil e simples a partir do instrumento da autorização.

O governo também lançou o Plano Nacional de Logística (PNL) 2035, que aponta investimentos de pelo menos R\$ 400 bilhões, além de decisões e ações para atender às necessidades do setor de transportes ao longo dos próximos anos.

Um dos principais objetivos do PNL 2035 é a transformação da matriz de transporte do Brasil para torná-la mais racional e sustentável, prevendo a redução de 14% dos gases do efeito estufa na atmosfera.

Fonte: Portal da Indústria e Agência Brasil

Infraestrutura brasileira em 2021

R\$ 37,6 bilhões
em investimento



2.050km
rodovias renovadas



108
obras públicas
concluídas

76
Pedidos para construção de
ferrovias



39
Concessões de
ativos



Fonte: Ministério da Infraestrutura, 2022

Visão geral

O setor privado tem investido em infraestrutura no Brasil através de leilões de concessões; em contrapartida, o investimento público em infraestrutura continua registrando quedas.

Fonte: Confederação Nacional do Transporte

R\$ 789 Bilhões

Necessidade de investimento em infraestrutura de transportes até 2035

Fonte: Gov.br

O setor de transportes no Brasil segue em crescimento, apesar de a economia seguir a passos lentos. O Produto Interno Bruto (PIB) de transportes cresceu 1,2% em relação ao segundo trimestre de 2021 e aumentou 13,1% quando comparado ao mesmo trimestre do ano anterior.

Fonte: Confederação Nacional do Transporte

De acordo com a Antaq, o Governo Federal vem trabalhando na elaboração de políticas para ampliar o uso do modal aquaviário. Uma dessas iniciativas é o Projeto de Lei da BR do Mar, enviado ao Congresso Nacional, para incentivar o uso da cabotagem, aumentar a frota nacional e equilibrar a matriz de transportes brasileira.

Fonte: Antaq

Visão geral

O transporte aéreo é importante para a integração nacional, pois promove uma série de benefícios, tais como vantagem competitiva para as regiões; indução de negócios; novos empreendimentos; ampliação das relações comerciais e expansão das atividades de turismo e lazer. No Brasil, o modal é substancialmente focado na locomoção de passageiros e tem experimentado nos últimos anos uma importante expansão, a ponto de tornar-se tão popular quanto o transporte rodoviário. No entanto, o transporte de cargas por esse modal não tem refletido esse movimento. O Governo Federal estuda formas de estimular os avanços nessa área.



Fonte: IPEA e Gov.br

Visão geral

O modal ferroviário no Brasil segue um período de grande aporte financeiro graças ao Marco Ferroviário, aprovado como medida provisória em dezembro de 2021, que mudou as regras para o transporte ferroviário no país. Com isso foi criado o Programa Pró-Trilhos, que instaura o instituto da outorga por autorização para o setor ferroviário, permitindo a livre iniciativa no mercado ferroviário.

Agora novas ferrovias poderão ser projetadas, desenvolvidas e operadas pela iniciativa privada sem licitação.

O regime já existente de concessão continuará vigente, porém haverá uma nova forma de operação, que é a de autorização. Nesse formato, uma empresa privada poderá sugerir ao governo, por conta própria, um projeto de nova ferrovia, com os planos de investimento e operação. Caberá ao governo autorizar o projeto.

O programa, além de modernizar a malha ferroviária brasileira, tende a diminuir os custos de transporte e reduzir as emissões de CO2.

A expectativa é que o programa gere 2,6 milhões de postos de trabalhos diretos e indiretos.

Dados do Pró-Trilhos *

76

Nº de requerimentos recebidos para autorização de construção.

16

Unidades Federativas serão impactadas

R\$ 224 Bi

Investimentos em ferrovias

19 mil km

Extensão de novas ferrovias privadas

Fonte: Ministério da Infraestrutura

* Dados relacionados aos pedidos recebidos pelo Ministério da Infraestrutura até Janeiro de 2022

Visão geral



Desaceleração do crescimento para 2022, previsto em 2%, sendo sustentado pelo que já está contratado e, especialmente, pelo incremento de investimento em infraestrutura.

Fonte: CNN Brasil, 2021

Popularização das práticas ESG no setor: as empresas aumentarão seus investimentos em materiais ecológicos e que tenham um menor impacto ambiental, além da realização de reaproveitamento de materiais. A utilização de energias renováveis, como instalação de placas fotovoltaicas é uma grande tendência para o setor.

Fonte: Satal, 2022

Investimento em tecnologia: a utilização da robotização de processos tonará as etapas de construção mais ágeis e seguras.

Fonte: Satal, 2022

Tendências



Construção modular: a construção industrializada do concreto garante aplicabilidade tanto em construções residenciais como de infraestruturas, garantindo menor desperdício, mais segurança e agilidade nas obras.

Fonte: Abcic, 2022

Modal rodoviário: eletrificação da frota é uma tendência. Os impactos ambientais com a emissão de carbono serão substancialmente reduzidos.

Fonte: Estadão

Nearshore: é uma alternativa para evitar a quebra da cadeia de suprimentos e evitar os altos custos dos fretes internacionais. A necessidade de possuir fornecedores próximos e descentralizar a dependência de apenas um país foi potencializado na pandemia.

Fonte: Porto Gente, 2022

Hot Topics

Previsão de realização de 14 leilões de rodovias em 2022. Expectativa é boa em razão da grande contratação de obras, incluindo conservação rodoviária e duplicação de vias, na ordem de R\$ 300 a R\$ 600 milhões em contratos. Fonte: CIESP, 2022

Inflação: Diante de um quadro de aceleração da inflação, inclusive também observada nos insumos do setor de construção, o Banco Central começou a elevar a taxa básica de juros, tendência que deverá permanecer nos próximos meses. Dessa forma, devemos observar uma tendência de aumento dos custos para financiamento da produção e da compra de imóveis, o que pode impactar negativamente o setor no médio prazo. Fonte: Lafis

Primeira desestatização do setor portuário no Brasil foi aprovada. O modelo foi elaborado pelo Ministério da Infraestrutura em parceria com BNDES e prevê R\$ 335 milhões de investimentos, além de aproximadamente R\$ 1 bilhão para operação dos portos de Vitória e Barra do Riacho Fonte: Ministério da Infraestrutura

Fonte: CIESP, Lafis, Ministério da Infraestrutura

Hot Topics

Crise no transporte público: durante a pandemia, os ônibus urbanos perderam 50% de seus passageiros, gerando a necessidade de flexibilização de contratos e uma busca de novas formas de financiamento para o transporte coletivo. Apesar da eletrificação da frota de ônibus ser uma tendência para o setor, a crise no transporte de passageiros pode atrasar a mudança de matriz energética do meio de transporte.

Regulação e fiscalização no setor de logística rodoviária no Brasil: o Documento Eletrônico de Transportes (DTE) e o aumento da fiscalização sobre o uso da carta frete e o não pagamento do vale pedágio irão impactar positivamente os caminhoneiros e exigirão que transportadores se adequem à nova legislação.

Setor ferroviário: novo marco regulatório das ferrovias é inovador ao possibilitar outorga por meio de autorização.

Empresários da área de infraestrutura criticaram a decisão do presidente Jair Bolsonaro de vetar a volta do Reporto, regime tributário que desonera investimentos em portos e ferrovias.

Crise hídrica ameaça o transporte hidroviário.

Previsão de leilão de 50 ativos de infraestrutura em 2022, com destaque para 16 aeroportos; 14 concessões de rodovias; desestatização da Companhia Docas do Espírito Santos (Codesa) e do Porto Organizado de Santos.

Fonte: Estadão, Agência Infra, Portal Dedução

Fonte: Ministério da Infraestrutura, O Globo

Oportunidades

Atração de investimentos externos para infraestrutura por meio das privatizações e parcerias. Ações do PPI elevaram a projeção de investimentos no Brasil para R\$ 1,2 trilhões nos próximos anos.

Transporte aéreo

- MP facilita entrada de aéreas estrangeiras no Brasil
- Autorizado o uso de um querosene mais barato
- Setor vai chegar a 50 aeroportos concedidos à iniciativa privada até o fim de 2022
- Falta de contêineres marítimos impulsiona o transporte aéreo.

Transporte marítimo

- Antaq aprova primeiro edital de desestatização de portos da história do Brasil
- Decreto altera regulamentação da exploração de portos e instalações portuárias
- Projetos de concessão no país terão maior retorno. O governo federal irá oferecer taxas de retorno maiores que em rodadas anteriores como forma de estimular o apetite dos empresários ao setor.

Transporte rodoviário

- Tecnologias buscam a expansão do omnichannel e operações de last mile.
- ANTT publicou Resolução nº 5.950/2021, que estabelece a primeira norma do Regulamento das Concessões Rodoviárias, aplicável aos contratos de concessão de exploração de infraestrutura rodoviária sob competência da ANTT.
- Sancionada lei que cria MEI Caminhoneiro.
- Desoneração da folha para o setor é prorrogada até 2023.
- Projetos de concessão no país terão maior retorno.
- Plataformas de fretes on-line prometem melhorar a eficiência do mercado de transporte de cargas.

Transporte ferroviário

- Novo Marco Regulatório é aprovado em forma de Lei e já está aquecendo o modal como nunca visto.
- Plataformas de fretes on-line prometem melhorar a eficiência do mercado de transporte de cargas. Com a ferramenta, as transportadoras agilizam as entregas e o caminhoneiro consegue, com um simples clique, encontrar uma carga dentro da localidade e nas condições que desejar.

Fonte: Exame, 2021

ENR

Energia e Recursos Naturais



Contexto global e brasileiro do setor

- Compreende a área de Power&Utilities, Chemicals, Oleo & Gás, Metais & Minérios e Renewables.
- Representa aproximadamente 25% do PIB nacional.
- Fonte de desenvolvimento econômico e social no país.
- Controle da meta de inflação.
- FDI – USD 768 bilhões (fonte BCB) dos quais 21% foi para o setor de ENR.
- Tecnologias a favor de maior eficiência operacional (ex.: gêmeo digital, inteligência artificial, entre outras).
- Agendas liberal — espaço para novos entrantes — reformas estruturais em pauta: Infraestrutura e regulação.
- Cessão onerosa, geração distribuída, geração renovável.
- Privatização de ativos relevantes no setor de petróleo, gás e energia elétrica.
- Qualidade dos ativos brasileiros – pré-sal, corrente de ventos no nordeste, tecnologia para fazendas eólicas etc.

Fonte: ANP e Poder 360, 2022 ; BACEN, 2019

Contexto global e brasileiro do setor

- Diferentes aspectos sendo considerados para a transição energética, novos desenhos de mercado e marco regulatório em curso.
- Melhoria nos padrões de vida em países como Índia, China e outros países da Ásia.
- Aumento no consumo industrial e comercial (edifícios) de energia.
- Uso de veículos autônomos e compartilhamento do transporte.
- Consumo renovável representará metade do consumo global de energia em 2040.
- Redução gradativa no consumo do carvão.
- Gás como protagonista da transição energética – efeito pré-sal relevante.
- Transformação do segmento do setor elétrico e a inversão da cadeia: o consumidor assume o protagonismo e começa a gerar energia.
- Pressão sobre políticas energéticas: mais energia e menos carbono.
- Corrida para explorar o petróleo/perspectivas de leilões e desinvestimentos.
- Cuidado com a sustentabilidade – conceito do ESG sendo precificado nas empresas eólicas etc.

Fonte: Empresa de pesquisas energéticas, 2020 e Tendências e a nova realidade – 1 ano de covid-19, KPMG 2020

Informações gerais e tendências dos segmentos de ENR

Oil & Gas

- Segundo a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção média de petróleo em 2021 foi de 2,905 milhões de barris por dia (bpd), um recuo de 1,18% na comparação com os 2,940 milhões de bpd registrados em 2020. Já a produção de gás natural atingiu um recorde de 134 milhões de m³ por dia, crescimento de 5% no ano. Outro dado importante é que 133 poços em atividade no pré-sal foram responsáveis por 73,8% de todo o óleo e gás produzidos no Brasil.
- Geopolítica EUA, Europa e China.
- Queda da demanda de fósfil.
- Aumento da produção do pré-sal.
- Foco na preservação de caixa.
- Digitalização – automação de processos manuais.
- Segurança cibernética – proteção de dados sigilosos.
- Gestão de portfólio de ativos – quanto mais diverso menor o impacto.
- Indicadores de Environmental, Social and Governance (ESG) em pauta.
- Projetos de desinvestimentos voltam ao topo da agenda, atraindo novas empresas.
- Empresas trabalham na gestão de seus portfólios de ativos, porém com um foco mais integrado, buscando soluções automatizadas, digitais e sustentáveis.

Power

- Impacto na tarifa energia (aumento).
- Avanço regulatório em prol da transição energética/modernização do setor elétrico.
- Avanço no processo de privatização.
- ESG impulsiona ainda mais as energias renováveis.
- Segurança cibernética entra na pauta prioritária de todas as empresas.
- Sofisticação da gestão dos processos de comercialização energia (PLD horário), e amadurecimento gradual do mercado de derivativos.
- Maior atenção ao parque de ativos de transmissão (obsolescência) e ampliação (oportunidade) para assegurar a segurança energética.

Informações gerais e tendências dos segmentos de ENR

Renewables

- ESG impulsionando investimentos em energia renováveis.
- Transformação do mercado, resiliência, inovação e colaboração.
- Alto volume de transações de M&A, especialmente de ativos pré-operacionais ou projetos greenfield.
- ESG impulsionando investimento em energias renováveis e outras tecnologias limpas, como baterias, hidrogênio limpo e captura de carbono.
- A continuidade do crescimento da energia limpa no Brasil, apesar da queda na economia e dos desafios apresentados pela pandemia, demonstra que o mercado está amadurecendo e que o portfólio é altamente resiliente.
- Processo de revisão da REN 482 junto à ANEEL, o qual o diálogo caminha com opções mais equilibradas.

Fonte: Portal Solar, ADBG e Tendências e a nova realidade – 1 ano de covid-19, KPMG 2020

Metals & Mining

- Aumento da demanda nos últimos meses e do preço das commodities minerais.
- O setor de Mineração está cada vez mais consolidado e globalizado e as empresas buscam reconhecimento no mercado global e competem pelo capital crítico necessário para a descoberta de novas oportunidades minerais. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), o saldo das exportações foi de quase US\$ 49 bilhões em 2021, o que representou um crescimento de 51% em comparação a 2020 e foi essencial para garantir o saldo positivo da balança comercial do país.
- Já a indústria brasileira de fundição do Brasil, representada pela ABIFA – Associação Brasileira de Fundição, estima um crescimento de +15% em 2022, no comparativo com 2021, ultrapassando a marca de 3 milhões t fundidas. A capacidade instalada da indústria brasileira de fundição é de 4 milhões t.
- Ampliação dos debates sobre saúde, segurança e meio ambiente.
- Recuperação nos preços das principais commodities favorece a retomada de projetos para expansão da produção.
- Riscos de supply chain permanecem em função da possibilidade de novas medidas de lockdown.
- Oportunidades para M&A no médio e longo prazo, com destaque para operações envolvendo ativos de ouro.
- Rediscussão do relacionamento com stakeholders, incluindo comunidades e autoridades governamentais.
- Indicadores de Environmental, Social and Governance (ESG) em pauta.
- Alto nível de liquidez, mas ainda existem desafios para acesso a fontes de financiamento.

Fonte: Gazeta do Povo, Ibram, ABIFA e Tendências e a nova realidade – 1 ano de covid-19, KPMG 2020

Informações gerais e tendências dos segmentos de ENR

Chemicals & Petrochemicals

- A indústria química está presente em quase todas as atividades econômicas — agricultura, setor automotivo, eletroeletrônicos e serviços de saúde são alguns exemplos. As empresas do segmento são ainda responsáveis por criar soluções sustentáveis que ajudam a preservar o planeta e melhorar a qualidade de vida e a longevidade das pessoas. A produção química teve recorde de demanda interna em 2021, crescendo de 20,5% entre 2020 e 2021, alcançando o melhor resultado na série histórica desde 1990, segundo a Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim). Esse dado está acompanhado de um grande aumento na importação, passando a ocupar 46% de todo o mercado interno em 2021, contra 7% no início dos anos 1990. A falta de competitividade, descontinuidade de diversas linhas de produção nos últimos anos e o Custo Brasil são alguns dos fatores que justificam o nível elevado de penetração das importações.
- Grande dependência de outros setores (automotivo, hospitalar, etc.).
- Redução na utilização da capacidade instalada, que já vinha em níveis baixos nos anos anteriores.
- Buscam alternativas que mitiguem impactos na variação cambial.
- Queda no setor automotivo afeta drasticamente o segmento de químicos.
- O setor revisará seu modelo de produção e cadeia logística a fim de incorporar alternativas factíveis em tempo hábil a custo justificável que permita uma projeção de receita e crescimento de vendas sustentável.
- Maior disponibilidade de produtos no mercado e preços mais baixos das matérias-primas em petroquímicos provoca aumento de vendas em volume.
- Preços mais baixos na divisão de intermediários refletiram principalmente na continuação da fraca demanda.
- Conduta mais disciplinada nos investimentos em aumento de capacidade.
- Margens mais comprimidas em função do cenário do setor.

Fonte: Abiquim e [Tendências e a nova realidade – 1 ano de covid-19, KPMG 2020](#)

Saneamento

- O Novo Marco Legal do Saneamento (Lei nº 14.26/2020), sancionado em 15 de julho de 2020, estabeleceu metas para a universalização dos serviços de saneamento básico até 2033 (cobertura de 99% da população brasileira com água potável e 90% com coleta e tratamento de esgoto), a elaboração de novas normas nacionais para a prestação dos serviços de saneamento pela Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA) e a abertura do setor para a concorrência e investimentos privados.
- O setor de saneamento básico brasileiro contratou, em 2021, cerca de R\$ 40 bilhões em investimentos para a universalização dos serviços, além de R\$ 30 bilhões em outorgas nos leilões de concessão de serviços de saneamento dos estados de Alagoas, Amapá, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo e Rio de Janeiro.
- Serão necessários mais R\$ 700 bilhões de investimentos para universalizar o saneamento no Brasil até 2033.

Fonte: [Governo do Brasil](#) e [Tendências e a nova realidade – 1 ano de covid-19, KPMG 2020](#)

Oportunidades nos segmentos de ENR

Oil & Gas

- Modelo de negócios: Repensar o modelo de consumo de combustível — experiência do cliente; plataformas colaborativas de materiais; modelo de contratação offshore — daily rate vs. performance etc.
- Modelo operacional: Digitalização de processos manuais, principalmente offshore, e automação da operação; intensificação do uso de inteligência artificial no processo de manutenção; intensificação do uso de D&A para avaliação de reservatórios etc.
- Mudanças de hábitos dos consumidores: Redução da mobilidade urbana vs. maior uso do e-commerce.
- Estratégia Lean: Repensar o modelo de “Asset Light” — empresa de tecnologia.
- Colaboradores: Retomada dos empregos, mercado reaquecendo.
- Estrutura de capital: Foco na diversificação do portfólio de ativos.
- Gestão de riscos: Baixo impacto.

Power

- Modelo de negócios: Expansão de plataformas ligadas à comercialização de soluções financeiras vinculadas a contratos de energia.
- Modelo operacional: Modernização da gestão, incluindo a digitalização e automação da operação e do administrativo.
- Mudanças de hábitos dos consumidores: Foco crescente na eficiência energética, maior participação no mercado livre.
- Estratégia Lean: Impacto para as grandes geradoras.
- Colaboradores: Quadros com perfis mais analíticos e visão de mercado.
- Estrutura de capital: Alternativas de investimentos em ativos renováveis em alinhamento com a transição energética.
- Gestão de riscos: Crescente preocupação com riscos cibernéticos, de negócio (climáticos, regulatórios, ESG) e de mercado.

Fonte: Tendências e a nova realidade – 1 ano de covid-19, KPMG 2020

Oportunidades nos segmentos de ENR

Renewables

- Modelo de negócios: Retomada dos leilões de energia nova.
- Modelo operacional: Custos em declínio e aumento da competitividade do armazenamento de baterias.
- Mudanças de hábitos dos consumidores: Consumidores mais conscientes, exigentes em relação ao nível de serviço.
- Estratégia Lean: Impacto nas grandes geradoras.
- Colaboradores: Quadros com perfis mais analíticos.
- Estrutura de capital: Alternativas de investimentos em ativos para não perder a onda do renovável, debêntures de infraestrutura.
- Gestão de riscos: Risco do negócio (climáticos, regulatórios) e de mercado.
- Aspectos ESG específicos para cada segmento: Economia circular (solar e eólica), rastreabilidade (biogás) etc.

Metals & Mining

- Modelo de negócios/gestão de riscos: Revisão da relação das empresas com agentes reguladores e comunidades impactadas, impactando o modelo de operação nos projetos de mineração. Maior transparência. Melhor gestão de relações com stakeholders.
- Modelo operacional: Ampliação da automação operacional, da eletrificação de veículos/equipamentos e das alternativas para controle remoto do processo produtivo por meio da utilização de novas tecnologias.
- Mudanças de hábitos dos consumidores: Aumento da demanda por minerais estratégicos aplicados em novas tecnológicas, como veículos elétricos e baterias.
- Estratégia Lean: Baixo impacto.
- Colaboradores: Implementação de estratégias para proteger os empregados da exposição à COVID-19 e limitar o risco de interrupção das operações.
- Estrutura de capital: Desafios para o acesso a novas fontes de capital.

Fonte: Tendências e a nova realidade – 1 ano de covid-19, KPMG 2020

Oportunidades nos segmentos de ENR

Chemicals & Petrochemicals

- Modelo de negócios: abertura do mercado de gás no Brasil estimulará investimentos no setor de químicos.
- Modelo operacional: busca por alternativas em supply chain.
- Modelo circular de produção: preconiza a redução do consumo de matérias-primas, o reuso, a reciclagem e o uso de energias renováveis e novos materiais.
- Mudanças de hábitos dos consumidores: grande variação por depender de vários segmentos.
- Estratégia Lean: Baixo impacto.
- Colaboradores: afetados de forma moderada pela variedade de setores que consomem a matéria-prima.
- Estrutura de capital: consolidações no mercado em grandes grupos.
- Gestão de riscos: alternativas que mitiguem impactos na variação cambial.
- As empresas de petróleo e gás estão à procura de aplicações de nanotecnologia para empurrar as restrições que as estruturas e ferramentas mais pesadas e volumosas impõem aos custos de exploração e produção de petróleo e gás. Algumas aplicações estão sendo estudadas, por exemplo, em fraturamento hidráulico.
- As empresas de petróleo e gás estão usando inteligência artificial e tecnologia cognitiva para ajudá-las a tomar decisões. Alguns benefícios são: prever incidentes como brocas presas com precisão, informar engenheiros do sistema para tomar as melhores ações para melhorar as operações de manutenção, prever tempo ideal para perfurar, solucionar problemas de poços de baixo desempenho e aprimorar a modelagem de reservatórios e realizar manutenção preventiva antes que surjam problemas.

Saneamento

- Modelo de negócios: Restruturação do modelo de negócios das companhias estaduais de saneamento básico para a concorrência e universalização dos serviços (concessão, PPP, IPO).
- Modelo operacional: Redução de perdas na distribuição de água, automação dos processos de produção de água e tratamento de esgoto, transformação digital do front office e do back office; ampliação da medição eletrônica, adoção de gêmeos digitais na gestão dos ativos e atendimento às novas normas de prestação de serviços da ANA/Agência Reguladora Local.
- Mudanças de hábitos dos consumidores: Consumidores mais conscientes, exigentes em relação ao atendimento e à qualidade dos serviços.
- Estratégia Lean: Estruturas mais centralizadas, planos diretores de automação e operações remotas.
- Colaboradores: Profissionais com visão de client centricity e atenção à qualidade dos serviços.
- Estrutura de capital: Tendência de novos entrantes e parcerias com novos investidores para equity e maior alavancagem com financiamentos.
- Gestão de riscos: Melhoria na medição e acompanhamento dos indicadores de performance, incluindo ESG.

Serviços Financeiros



Visão geral

O Sistema Financeiro Nacional (SFN) brasileiro é formado basicamente por bancos, caixa econômica, corretoras de câmbio, fintechs, administradoras de consórcios, cooperativas de crédito, instituições de pagamentos, corretoras e distribuidoras, todas sob a supervisão do Banco Central do Brasil e sob a estrutura do Conselho Monetário Nacional.

É considerado um sistema com avançada infraestrutura tecnológica e sua formação ao longo dos anos tem participantes de diferentes perfis e atuação, entre os maiores bancos do país tem os bancos públicos, nacionais e internacionais, além de bancos de grande porte, outros com atuações em nichos, internacionais, bancos com atuação regional e, mais recentemente, tem surgido as fintechs com ofertas específicas de serviços.

Os grandes bancos têm uma estrutura de bancassurance, na qual por meio de investidas ou alianças, atuam no mercado de seguros. Os bancos também têm em suas estruturas as atividades de Asset Managements e mais recentemente as fintechs têm ampliado suas atuações no sistema financeiro. Há alguns anos a presença física, por meio da rede de agência, era um fator relevante para atuação de banco de varejo, o que gerava um desafio em razão da extensão territorial do Brasil. Isso naturalmente tem alterado, seja pelas novas tecnologias, pelos novos entrantes e também pelo contexto recente da pandemia.

De acordo com a regulamentação do Banco Central do Brasil, o sistema financeiro é segmentado em cinco níveis, denominados: S1, S2, S3, S4 e S5; baseado em sua representatividade em relação ao PIB, se superior ou igual a 10% do PIB no caso do S1, e assim por diante até os de porte inferior a 0,1% do PIB, S5. Entre o fim de 2019 e início de 2020, cerca de 50 instituições estavam classificadas nos três maiores níveis S1, S2 e S3 e cerca de 1.200 instituições nos níveis S4 e S5, nas quais estão incluídas as cooperativas de crédito.

A concentração observada no setor bancário brasileiro não tem se mostrado muito diferente da concentração observada em outros setores da economia e a atuação do Banco Central tem sido no sentido de estimular a entrada de novos participantes, ao mesmo tempo que mantém as demandas regulatórias para garantir a estabilidade do sistema.

Fonte: BACEN

Tendências

O Sistema Financeiro Brasileiro tem acompanhado muitas das tendências do mercado bancário internacional e ao longo dos últimos anos o mercado tem tratado de alguns temas, tais como:

Fonte: KPMG – Tendências e nova realidade: 1 ano de covid-19

- **Transformação digital:** O SFN tem passado por uma contínua evolução e transformação digital, em especial na forma da experiência do cliente. Mais recentemente foi implementado pelo Banco Central um sistema de pagamento instantâneo (PIX) e soma-se ainda, a implementação, em fases, do Open Banking, o que gera uma expectativa de reconfiguração do mercado com a entrada de novos players.
- **ESG – Environmental, Social e Governance:** A agenda de ESG tem se tornado cada vez mais prioritária e pode ser considerada um fator de sucesso aos players que atuarem no mercado e tiverem maior capacidade de atender à agenda do ESG.
- **Bancarização:** Aumentar a quantidade de pessoas com relacionamento bancário tem sido um dos grandes desafios e oportunidades no mercado, que tem revelado novos modelos de negócios com projetos bem sucedidos.
- **Ambiente regulatório:** A transição do ambiente regulatório cada vez mais próximo dos preceitos internacionais tem feito aumentar o interesse pelo sistema financeiro brasileiro e contribuído para as análises de performance e de gestão dos negócios. São notadas algumas assimetrias regulatórias que devem ser compensadas com revisões de regulamentações e suas aplicações aos diferentes tipos de participantes do mercado.
- **Ambiente econômico:** O atual ambiente econômico com taxas básica de juros em patamares muito menores do que os históricos combinada com uma forte demanda por projetos de infraestrutura, saneamento, assim como impulsionado por financiamento relacionados ao setor do agronegócio e imobiliário, são outros exemplos de oportunidades relacionadas ao sistema financeiro brasileiro.

Players não financeiros entrando cada vez mais no segmento e oferecendo serviços tipicamente oferecidos por instituições financeiras, seguradoras e empresas de meios de pagamentos.

Nova realidade

A nova realidade imposta pela crise pandêmica do COVID-19 tem gerado importantes desafios para o setor, embora muitos deles demonstrem uma certa aceleração do que já estava sendo planejado para os próximos anos, dos quais se destacam:

Revisão dos modelos de negócio que considere o fluxo operacional em modo remoto e sejam mais digitais, a relevância cada vez maior sobre a experiência do cliente, a transformação digital e a entrada de novos concorrentes;

Estrutura de atendimento e relacionamento com clientes, privilegiando a migração do relacionamento para digital e revisitação das estruturas físicas, como a rede de agências e postos de atendimento;

A transformação digital acentua a gestão aos riscos relacionados a cyber security e monitoramento de fraudes em ambiente digital;

Neste novo ambiente espera-se um maior movimento de aquisições ou principalmente parcerias que viabilizem uma melhor composição para oferta aos clientes.

Fonte: KPMG – Tendências e nova realidade: 1 ano de covid-19

Oportunidades e Desafios

Transformação digital

- As principais oportunidades e desafios do sistema financeiro estão relacionados com a transformação digital, em especial com o foco em melhoria na experiência do cliente e de forma mais recente em rever modelos operacionais mais eficientes e eficazes para atender ao cliente. Espera-se que esse movimento seja impulsionado pela implementação do Open Banking, reconfigurando o sistema financeiro com novos players e alianças.

Fonte: KPMG – Tendências e nova realidade: 1 ano de covid-19

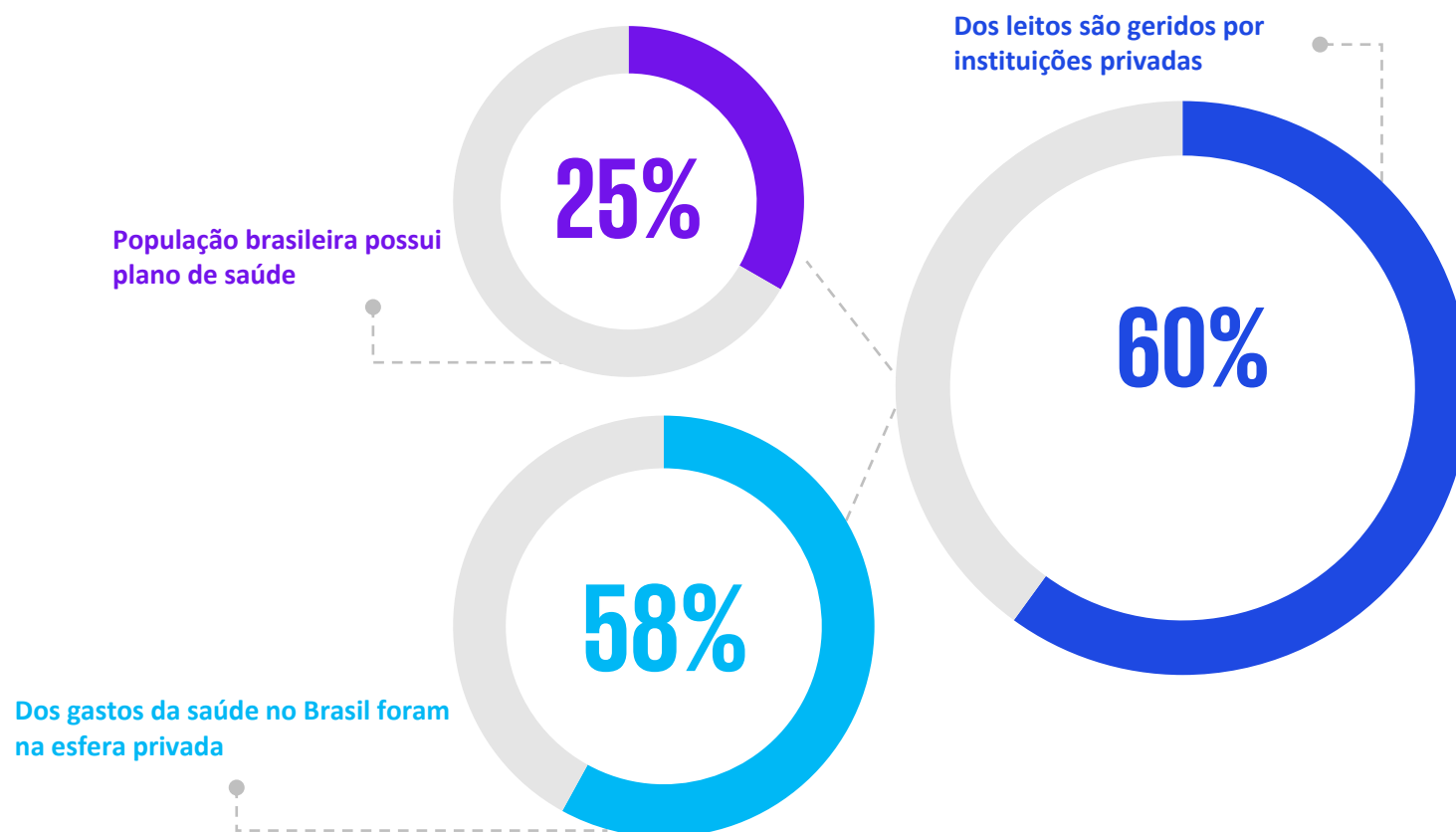
Healthcare



Visão geral

I Private Health Insurance

- A saúde privada representou 58% do total de gastos com saúde no Brasil em 2018, de acordo com dados da OMS. Mais de metade dessa despesa privada vem de seguro de saúde privado. O mercado brasileiro de seguro de saúde privado é o segundo maior em termos de população no mundo. Os planos privados cobriram 47 milhões de pessoas em 2018 — aproximadamente um quarto do população do país.
- A saúde suplementar responde pela metade dos tratamentos médicos realizados no País, ou seja, não só complementa, mas contribui para a saúde nacional ao lado do Sistema Único de Saúde, a assistência médica pública.



Fonte: IESS

Tendências

- Investimento em tecnologia e inovação: utilização e implantação de softwares, Big Data e Inteligência Artificial será tendência para o setor. A necessidade de estar em conformidade com as legislações, a implantação e manutenção de novas práticas tecnológicas que facilitam a vida do paciente, como a telemedicina, impulsionam os investimentos.
- ESG : o crescimento do ESG será notável em Healthcare. Implantação de ações políticas que demonstram afinidade com temas ambientais e de responsabilidade social serão de extrema importância para as empresas ganharem visibilidade e autoridade no mercado.
- Adequação às novas legislações: a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) e a RN 443 da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) requerem atenção e adequação das organizações, pois as infrações cometidas podem levar a multas exponenciais. A adaptação a chamada Nova Lei de Preservação do Sigilo, aprovada em janeiro de 2022, também exigirá uma série de adequações e atenção do setor.

Fonte: SEGS



Hot topics

- **Open Health:** o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, afirmou que pretende criar o open health, compartilhamento de dados de beneficiários entre as empresas de planos de saúde, com o objetivo de “ampliar a concorrência no setor de saúde suplementar”.
- **Teleconsultas:** com a pandemia, foram realizados cerca de 5,1 milhões de teleatendimentos no Brasil entre o período de abril de 2020 até novembro de 2021. O desafio atual é a regulamentação da prática.



Fonte: Valor Econômico, Medicina S/A e Estadão.

Oportunidades



A iniciativa privada é responsável por, em média, 50% do atendimento médico-hospitalar, o que significa que há uma importante demanda a ser suprida. O SUS oferece serviços gratuitos, porém, possui muitos inconvenientes, como o desconforto e a demora no atendimento (ineficiência), o que leva uma fatia da população a procurar planos de saúde.



O segmento premium dos planos não está sendo afetado pela crise, o que mostra resiliência nesse nicho, mesmo em situação de crise.



A ANS está lançando o Sistema de Indicadores Hospitalares (SIHOSP), plataforma para a coleta de dados desenvolvida para acompanhar o desempenho e avaliar a qualidade de hospitais que atuam no setor de planos de saúde. A iniciativa é mais uma etapa do Programa de Monitoramento da Qualidade da Assistência Hospitalar, criado para analisar e dar visibilidade a dados sobre a prestação dos serviços assistenciais e da gestão de hospitais na saúde suplementar.

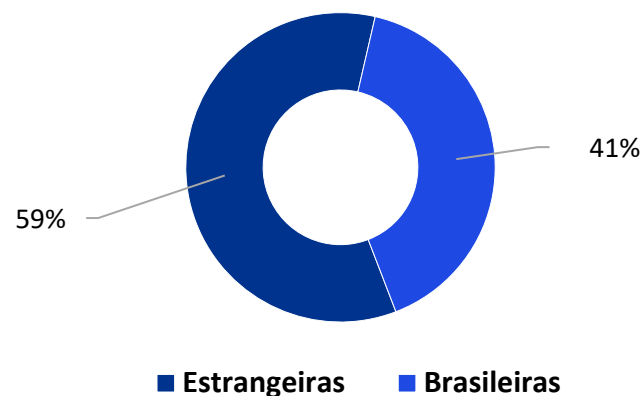
Fonte: Lafis, ANS

Life sciences

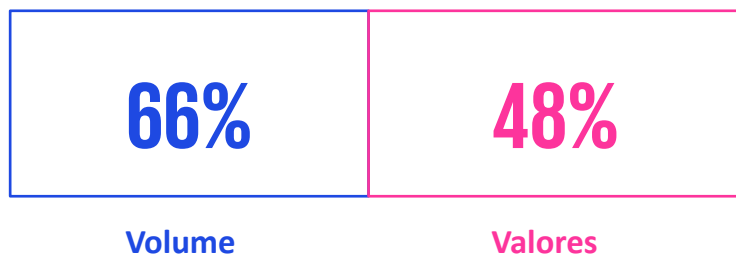


Visão geral

I Indústria farmacêutica no Brasil



Representatividade da indústria brasileira em vendas no mercado interno em 2019



- A indústria farmacêutica brasileira é focada no atendimento do mercado interno, especialmente ao considerar que o sistema público de saúde é um dos grandes compradores de medicamentos.
- A oferta de insumos farmacêuticos provenientes de produção local é insuficiente, levando à grande dependência de farmoquímicos e adjuvantes importados.
- Muitos dos remédios produzidos não possuem um valor agregado alto por tratar-se de genéricos ou similares, ou seja, não são produtos novos ou inovadores, e são passíveis de serem facilmente copiados.
- O mercado internacional a ser explorado pela indústria farmacêutica brasileira é o mercado em desenvolvimento, como na Bolívia, Chile, Argentina e Venezuela.

Fonte: Sindusfarma, Lafis SECEX, 2021

Tendências

- Rastreabilidade – este processo mapeia e gera um histórico de cada medicamento, desde a produção até a chegada ao consumidor final. Tem como vantagem para a indústria o rápido acesso aos lotes de medicamentos e o consumidor final terá mais segurança sobre a autenticidade, evitando falsificações e extravios de medicamentos. Esse recurso é tão importante para a indústria farmacêutica que o Sistema Nacional de Controle de Medicamentos (SNCM) se tornará lei em abril de 2022.
- Inteligência artificial – A Inteligência Artificial (IA) na indústria farmacêutica permite que os sistemas realizem decisões de maneira independente, com precisão, permite a captura e a análise de elevada quantidade de informações para ajudar as empresas no seu desenvolvimento, por exemplo, na criação de novos medicamentos e em sua logística.
- Estudos e desenvolvimento de bioimpressão 3D – a impressão de células artificiais ou células troncos para reproduzir tecidos vivos, técnica capaz de produzir tecidos humanos. Atualmente a tecnologia é utilizada para testes de medicamentos em tecidos criados através de bioimpressão, sendo capaz de extinguir testes em animais e simular a eficiência de medicamentos em tumores “impressos”, além de produção de tecidos vivos sem grandes complexidades para utilização em tratamentos de queimaduras.

Fonte: Guia da Farmácia e G1



Tendências

- Dados genômicos no auxílio de desenvolvimento de produtos: através dos dados genômicos, há um grande potencial para que as fórmulas de medicamentos sejam criadas, reformuladas e desenvolvidas de forma personalizada para o paciente, com custo competitivo.

Fonte: Driving value from genomics in Life Sciences, KPMG

- Implementação de Big Data: através do cruzamento de dados genômicos, genético e de dados de registro médico eletrônico é possível ter uma fonte de informação de qualidade para o projeto e desenvolvimento de novos produtos. O uso do Big Data permite que as informações geradas sejam utilizadas nos ensaios clínicos, em simulações que podem colaborar na geração de descobertas de menor risco e custo. A metodologia também é aplicável em outros processos da indústria farmacêutica, como nas estratégias de venda, penetração e segmentação de mercado.

Fonte: Engine, 2022; Viceri, 2022

- Estratégia D2C: o modelo direct-to-customer (D2C), além de eliminar os intermediários, permite estreitar a relação com o público, alcançando diretamente o consumidor.

Fonte: BiotechTown, 2022



Hot topics

Sistema Nacional de Controle de Medicamentos (SNCM) se tornará lei em 2022.

Com a reforma do Imposto de Renda, medicamentos ficam sem benefício fiscal e podem subir até 12%.

Escassez de insumos e câmbio desvalorizado elevam os custos produtivos do setor.

Dificuldade na importação de dispositivos médicos: 77% das empresas do setor enfrentam dificuldades nos processos aduaneiros.

Fonte: Sindusfarma, Anvisa, ABRAIDI

Oportunidades

Com a população exposta constantemente ao conhecimento da situação sanitária e epidemiológica nacional e mundial, cresce a intenção para compra de medicamentos. No mesmo sentido, os institutos médicos público e privados, bem como órgãos governamentais, demandarão mais medicamentos, insumos, aparatos, entre outros, dado o crescente contingente de pacientes atendidos e internados ao longo do ano, sobretudo nos meses mais críticos da pandemia. Pode-se destacar as seguintes oportunidades:

- Crescimento de vendas on-line no mercado brasileiro. Durante a pandemia houve um aumento de 37% no consumo on-line de medicamentos.
- Foi aprovada a MP 1.040 de 2021, a conhecida MP do Ambiente de Negócios. Caso aprovada no Senado, eliminará a exigência de autorização prévia da Anvisa para pedidos de patente de fármacos junto ao INPI (Instituto Nacional de Propriedade Intelectual).
- Vacina contra a COVID-19 é a oportunidade de melhorar a reputação das empresas farmacêuticas junto à população. As indústrias farmacêuticas costumam ser responsabilizadas por aumentar o preço de remédios que salvam vidas e por terem enriquecido às custas da saúde da população. Agora, com as empresas farmacêuticas desenvolvendo vacinas eficazes para acabar e com a pandemia do coronavírus, essa indústria espera se redimir aos olhos do público.

Fonte: Guia da Farmácia, Exame, Lafis

Educação



Sistema educacional brasileiro

I A estrutura

A educação é um direito social no Brasil, e a Constituição Federal do País garante o acesso ao ensino público gratuito em todos os níveis. O Brasil divide seu sistema educacional em **Ensino Básico e Ensino Superior**. O nível básico inclui: **Educação Infantil; Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental** (também conhecidos apenas como Ensino Fundamental); e **Ensino Médio**. A escolaridade obrigatória começa aos quatro anos, na pré-escola, e dura 14 anos, até o final do Ensino Médio.

I Os diversos níveis de governança do sistema federativo brasileiro

O Brasil possui um sistema federativo de governo de três esferas, incluindo o Governo Federal e os entes federativos (26 Estados, o Distrito Federal e 5.570 Municípios), e a **responsabilidade pela educação é compartilhada entre as três**, como pode ser observado na tabela ao lado.

Observações:

- Os diferentes níveis que compõem o Ensino Fundamental são denominados como “anos”; já o termo “série” é usado para o Ensino Médio.
- As etapas da escolarização, na cor lilás, referem-se àquelas que fazem parte do ensino obrigatório. O Ensino Médio é reconhecido como ponto de saída do sistema educacional.

Estrutura do sistema educacional brasileiro

Idade de início	Unidade administrativa (responsabilidade principal)	Série/Ano	Nível de ensino		
23-26	Governo Federal	Ensino Superior	Doutorado		Curso de especialização, <i>lato sensu</i>
22			Mestrado, <i>stricto sensu</i>	Mestrado Profissional, <i>stricto sensu</i>	
18			Bacharelado	Licenciatura	
18	Governo Federal e Estados				Curso técnico de nível médio subsequente
15	Estados	3ª série 2ª série 1ª série	Ensino Médio		
11	Municípios e Estados	9º ano 8º ano 7º ano 6º ano	Anos finais do Ensino Fundamental		
6	Municípios	5º ano 4º ano 3º ano 2º ano 1º ano	Anos iniciais do Ensino Fundamental		
4	Municípios		Pré-escola		
0			Creches		

Fontes: A Educação no Brasil – Uma perspectiva Internacional, Todos Pela Educação, 2021. Publicação original OCDE.

Sistema educacional brasileiro

I Responsabilidades do Governo Federal na educação

As funções do Governo Federal na educação incluem:

- Definir normas nacionais e objetivos gerais para o País (por exemplo, o PNE – Plano Nacional de Educação).
- Administrar diretamente instituições, como universidades federais e escolas de educação profissional federais.
- Coordenar as políticas e práticas educacionais nos diferentes níveis de governo.
- Prestar assistência técnica e financeira a estados e municípios.

O Ministério da Educação (MEC) também é responsável por regulamentar todas as etapas educacionais no Brasil, do Ensino Infantil ao Ensino Superior.

O MEC avalia o sistema de ensino por meio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), que tem como foco principal a Educação Básica, e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), com foco no Ensino Superior.

Em colaboração com os governos estaduais e municipais, o MEC determina as diretrizes curriculares (ou seja, competências e disciplinas comuns) a serem ministradas nas escolas. Os três principais órgãos associados são:

Conselho Nacional de Educação (CNE):

Órgão colegiado do Ministério da Educação, responsável por assessorar e acompanhar a formulação e implementação da Política Nacional de Educação.

Inep:

Órgão semiautônomo responsável pela realização de avaliações e exames da Educação Básica e Superior do Brasil e pelo estabelecimento de indicadores de desempenho de qualidade. É responsável, entre outros assuntos, pelas avaliações: Saeb – Sistema de Avaliação da Educação Básica; Enade – Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Ensino Superior); Ideb – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica; Enem – Exame Nacional do Ensino Médio (principal forma de ingresso ao ensino superior). Além de coleta e divulgação de informações de referência e estatísticas sobre o sistema educacional.

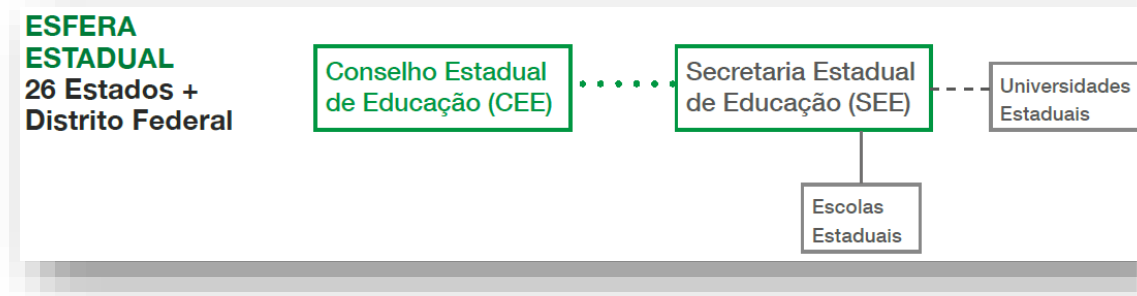
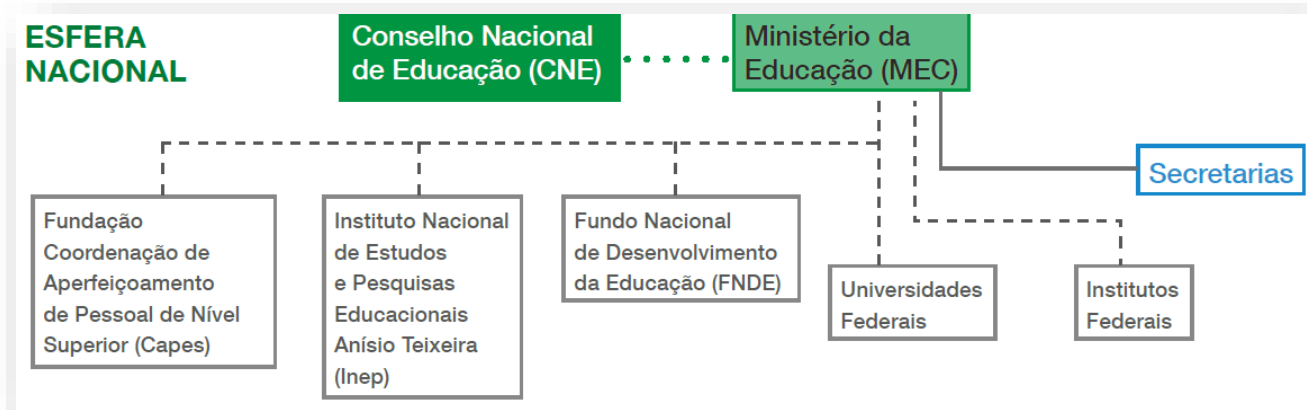
Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE):

Órgão semiautônomo responsável pela alocação de recursos e prestação de apoio técnico a estados e municípios.

Fontes: A Educação no Brasil – Uma perspectiva Internacional, Todos Pela Educação, 2021. Publicação original OCDE.

Sistema educacional brasileiro

Organograma dos principais órgãos da educação nas esferas nacional, estadual e municipal



LEGENDA

— Subordinação

- - - Vínculo

••••• Órgão colegiado

Fontes: A Educação no Brasil – Uma perspectiva Internacional, Todos Pela Educação, 2021. Publicação original OCDE.

Sistema educacional brasileiro

I Marcos legais e políticas que estruturam e orientam a educação no Brasil

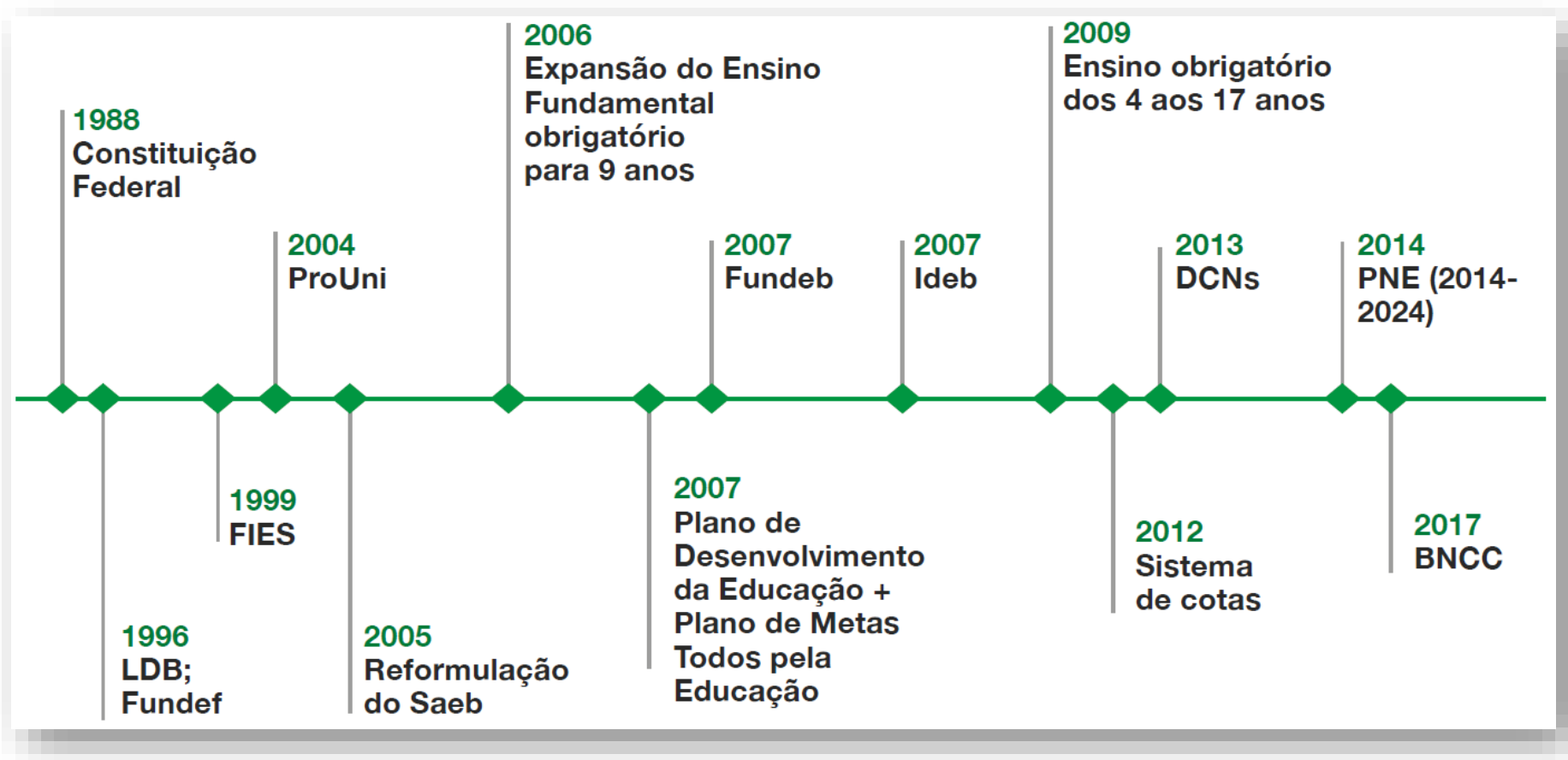
O Brasil consagra em lei e em normas centrais determinados direitos e diretrizes da educação, ajudando a garantir consistência e padrões mínimos no atendimento. Os principais elementos incluem:

- **A Constituição Federal, de 1988**, estabeleceu a educação pública como um direito a ser oferecido, gratuitamente, em todos os níveis de ensino, da Educação Infantil ao Ensino Superior.
- **A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996**, define a estrutura da Educação Básica no Brasil e seus níveis de ensino; determina as principais responsabilidades do Governo Federal, dos estados e dos municípios na educação, e estabelece os níveis mínimos de qualificação dos professores.
- **O Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 estabelece 20 metas a serem alcançadas pelo sistema educacional brasileiro até 2024**. De acordo com o Plano, cada estado e município do Brasil teve que desenvolver seu próprio plano educacional para apoiar o cumprimento das metas estabelecidas no PNE, levando em consideração suas próprias necessidades e demandas locais. A cada dois anos, o Inep publica um relatório de monitoramento, avaliando o andamento das metas estabelecidas no PNE.
- **As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), de 2013**, que abrangem todo o ensino básico, estabelecem a estrutura curricular para todas suas etapas e para cada uma delas individualmente (Infantil, Fundamental e Médio), bem como para modalidades específicas, como Escolas Quilombolas e Educação Escolar Indígena. As DCNs estabelecem a estrutura curricular a ser seguida por todas as escolas.
- A recém-introduzida **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)** define os objetivos de aprendizagem mínimos nacionais em cada etapa da Educação Básica no Brasil. A BNCC não é um currículo propriamente dito, mas oferece diretrizes de conteúdo para o planejamento curricular.
- **Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb)**, antiga Fundef, redistribuiu recursos financeiros entre os estados, com o respaldo de uma contribuição do Governo Federal.

Fontes: A Educação no Brasil – Uma perspectiva Internacional, Todos Pela Educação, 2021. Publicação original OCDE.

Sistema educacional brasileiro

Alguns dos principais marcos legais, políticas e reformas da educação nas últimas três décadas



Fontes: A Educação no Brasil – Uma perspectiva Internacional, Todos Pela Educação, 2021. Publicação original OCDE.

O setor privado na Educação Básica

A participação do setor privado no ensino básico em número de matrículas

Na Educação Básica brasileira, a maioria dos alunos está matriculada em instituições públicas (81%) (Inep, 2020)*. As instituições privadas cobram uma mensalidade dos alunos, e os valores não são regulamentados. Auxílios e bolsas de estudo em escolas particulares não são comuns, nem são financiados com verbas públicas, diferentemente do ensino superior.

As mudanças demográficas no Brasil mostram que está havendo um declínio no número de crianças e jovens. Como resultado, em 2020, 47,3 milhões de alunos estavam matriculados na rede básica de ensino do país, cerca de 8% a menos do que em 2010 (Inep, 2020). No mesmo período, as matrículas do setor público caíram cerca de 12%, enquanto a participação do setor privado aumentou 16% (Inep, 2020).

*Os dados apresentados pelo Inep são anteriores ao início da pandemia, ou seja, não podem ser relacionados aos reflexos do novo coronavírus.

Histórico do número de matrículas da Educação Básica por dependência administrativa.

Ano	Público	Privado	Total
2006	48.595.844	7.346.203	55.942.047
2007	46.643.406	6.385.522	53.028.928
2008	46.131.825	7.101.043	53.232.868
2009	45.270.710	7.309.742	52.580.452
2010	43.989.507	7.560.382	51.549.889
2011	43.053.942	7.918.677	50.972.619
2012	42.222.831	8.322.219	50.545.050
2013	41.432.416	8.610.032	50.042.448
2014	40.680.590	9.090.781	49.771.371
2015	39.738.780	9.057.732	48.796.512
2016	39.834.378	8.983.101	48.817.479
2017	39.721.032	8.887.061	48.608.093
2018	39.460.618	8.995.249	48.455.867
2019	38.739.461	9.134.785	47.874.246
2020	38.504.108	8.791.186	47.295.294

% Participação	81%	19%
----------------	-----	-----

Fontes: A Educação no Brasil – Uma perspectiva Internacional, Todos Pela Educação, 2021. Publicação original OCDE. INEP, Sinopses Estatísticas do Ensino Básico

O setor privado no Ensino Superior

I Uma sequência de reformas buscou expandir o Ensino Superior

O Brasil tem feito esforços substanciais para aumentar o acesso ao Ensino Superior. Entre 2003 e 2010, foram criadas 16 novas universidades públicas federais, e as matrículas nas universidades federais aumentaram 47%. No entanto, **grande parte da expansão ocorreu por meio do crescimento das instituições privadas de Ensino Superior, que mais do que dobraram em número na década de 1990 e no início dos anos 2000. Esse movimento foi facilitado pelo financiamento federal (Fies) e bolsas de estudo, como o programa ProUni**

Evolução do número de Instituições de Ensino Superior (IES) no período entre 2010 e 2019

Ano	IES Brasil		IES Privadas	
	Número	Evolução	Número	Evolução
2010	2.378		2.100	
2011	2.365	-0,55%	2.081	-0,90%
2012	2.416	2,16%	2.112	1,49%
2013	2.391	-1,03%	2.090	-1,04%
2014	2.368	-0,96%	2.070	-0,96%
2015	2.364	-0,17%	2.069	-0,05%
2016	2.407	1,82%	2.111	2,03%
2017	2.448	1,70%	2.152	1,94%
2018	2.537	3,64%	2.238	4,00%
2019	2.608	2,80%	2.306	3,04%

O setor privado representa 88,4% das IES brasileiras.

A rede privada ofertou 94,9% do total de vagas para graduação em 2019.

386.073 docentes atuam na Educação Superior no Brasil. Desses, 54,3% são vinculados a instituições privadas.

Mais de 6,3 milhões de alunos estudam em instituições particulares, o que significa uma participação de 75,8% do sistema de educação superior. Nesse sentido, a cada quatro estudantes de graduação, três frequentam estabelecimentos de ensino privados. *ABMES, 2020

Fontes: Números do Ensino Superior Privado no Brasil 2020, ABMES, 20ª Edição – Publicação Comemorativa A Educação no Brasil – Uma perspectiva Internacional, Todos Pela Educação, 2021. Publicação original OCDE

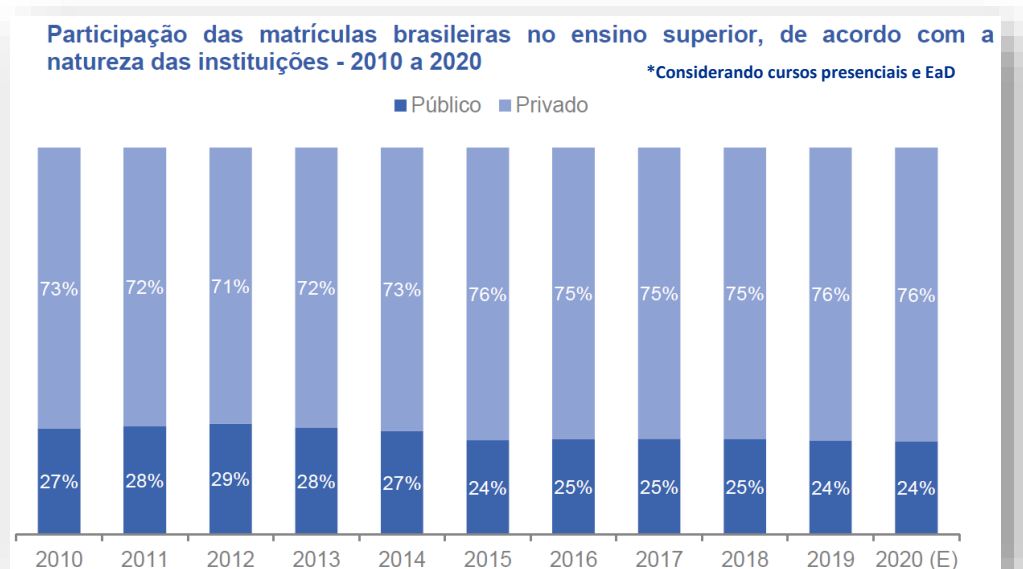
*Os dados apresentados pelo ABMES/Inep são anteriores ao início da pandemia, ou seja, não podem ser relacionados aos reflexos do novo coronavírus.

O setor privado no Ensino Superior

I A participação das instituições privadas por número de matrículas

Segundo a consultoria de análise setorial, Lafis, é possível traçar uma tendência de aumento da participação de instituições privadas no Ensino Superior brasileiro. As razões para tal tendência são diversas, entretanto, pode ser destacado brevemente que houve um crescimento significativo de uma parcela jovem da população brasileira que pressionou a demanda, além disso, houve iniciativas importantes por parte do Governo Federal a fim de expandir a oferta de cursos de ensino superior.

Como pode ser observado no gráfico abaixo, ao longo de uma década, é possível acompanhar o histórico de participação do setor privado, relativamente estável ao longo dos últimos anos.



Fontes: Lafis, Relatório Setorial – Nov.2021 e Números do Ensino Superior Privado no Brasil 2020, ABMES, 20ª Edição – Publicação Comemorativa



© 2022 KPMG Auditores Independentes Ltda., uma sociedade simples brasileira, de responsabilidade limitada e firma-membro da orgda organização global KPMG de firmas-membro independentes licenciadas da KPMG International Limited, uma empresa inglesa privada de responsabilidade limitada. Todos os direitos reservados.

Evolução do número de matrículas em cursos presenciais de Ensino Superior – 2010 a 2019

Ano	IES Brasil		IES Privadas	
	Número	Evolução	Número	Evolução
2010	6.449.120		3.987.424	
2011	5.746.762	-10,89%	4.151.371	4,11%
2012	5.923.838	3,08%	4.208.086	1,37%
2013	6.152.405	3,86%	4.374.431	3,95%
2014	6.486.171	5,42%	4.664.542	6,63%
2015	6.633.545	2,27%	4.809.793	3,11%
2016	6.554.283	-1,19%	4.686.806	-2,56%
2017	6.529.681	-0,38%	4.649.897	-0,79%
2018	6.394.244	-2,07%	4.489.690	-3,45%
2019	6.153.560	-3,76%	4.231.071	-5,76%

*Os dados apresentados pelo Lafis/Inep são anteriores ao início da pandemia, ou seja, não podem ser relacionados aos reflexos do novo coronavírus.

O setor privado no Ensino Superior - EaD

I Definição do Ensino Superior a distância e regulamentação

A educação a distância é a **modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos**. Essa definição está presente no Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394/96 (LDB) .

Conforme previsto no art. 80 da Lei nº 9.394/96 (LDB), a instituição interessada em oferecer cursos superiores a distância precisa solicitar credenciamento específico à União.

I EaD em números

Segundo levantamento divulgado em 2020 pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), **pela primeira vez na história, o número de ingressantes em cursos de EAD ultrapassou a quantidade de estudantes que iniciaram a graduação presencial**, na rede privada. Ao todo, 50,7% (1.559.725) dos alunos que ingressaram em instituições privadas optaram por cursos de EAD. Em contraponto, 49,3% (1.514.302) dos estudantes escolheram ingressar na educação superior de modo presencial.

Entre 2009 e 2019, o número de matrículas em cursos a distância aumentou 378,9%. Ingressantes em cursos de EAD correspondiam a 16,1% do total de calouros, em 2009. Em 2019, esse público representa 43,8% do total de estudantes que inicia a educação superior. Ao mesmo tempo, nessa década, houve um aumento de 17,8% dos que optaram por cursos presenciais para iniciar a graduação.

Tal crescimento se dá por uma série de fatores, tais como mensalidades mais baratas, flexibilidade de horário e local de estudos, redução de custos com transporte e alimentação, ganho de tempo, entre outros.

*Os dados apresentados pelo ABMES/Inep são anteriores ao início da pandemia, ou seja, não podem ser relacionados aos reflexos do novo coronavírus.

Fontes: Números do Ensino Superior Privado no Brasil 2020, ABMES, 20ª Edição – Publicação Comemorativa
<http://portal.mec.gov.br/instituicoes-credenciadas/educacao-superior-a-distancia>, acessado em 27/01/22

O setor privado no Ensino Superior - EaD

EaD em números

Evolução do **número de ingressos** em cursos a distância de Ensino Superior entre 2010 e 2019

Ano	IES Brasil		IES Privadas	
	Número	Evolução	Número	Evolução
2010	380.328		340.154	
2011	431.597	13,48%	397.552	16,87%
2012	542.633	25,73%	494.106	24,29%
2013	474.120	-12,63%	440.507	-10,85%
2014	691.731	45,90%	649.638	47,48%
2015	639.519	-7,55%	612.831	-5,67%
2016	781.708	22,23%	758.254	23,73%
2017	991.714	26,87%	907.957	19,74%
2018	1.373.321	38,48%	1.310.678	44,35%
2019	1.592.184	15,94%	1.559.725	19,00%

Evolução do **número de matrículas** em cursos a distância de Ensino Superior entre 2010 e 2019

Ano	IES Brasil		IES Privadas	
	Número	Evolução	Número	Evolução
2010	930.179		748.577	
2011	992.927	6,75%	815.003	8,87%
2012	1.113.850	12,18%	932.226	14,38%
2013	1.153.572	3,57%	999.019	7,16%
2014	1.341.842	16,32%	1.202.469	20,36%
2015	1.393.752	3,87%	1.265.359	5,23%
2016	1.494.418	7,22%	1.371.817	8,41%
2017	1.756.982	17,57%	1.591.410	16,01%
2018	2.056.511	17,05%	1.883.584	18,36%
2019	2.450.264	19,15%	2.292.607	21,72%

*Os dados apresentados pelo ABMES/Inep são anteriores ao início da pandemia, ou seja, não podem ser relacionados aos reflexos do novo coronavírus.

Fontes: Números do Ensino Superior Privado no Brasil 2020, ABMES, 20ª Edição – Publicação Comemorativa

Programas para acesso ao Ensino Superior

Principais programas federais para acesso ao ensino superior

A proliferação das iniciativas de acesso e melhora do ensino superior no Brasil partiu das medidas iniciadas na primeira gestão Lula (2003-2006), cujo destaque remanesceu no Programa Universidade para Todos (PROUNI); mas é preciso relevar que houve outras iniciativas importantes, inclusive aquelas anteriores a essa gestão. Neste espaço é exibido esses programas e alguns de seus aspectos.

Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)

Vale ressaltar que o Enem não é um programa, mas sim uma ferramenta de avaliação. A nota obtida por meio do Enem é base para ingresso em programas como o ProUni, o FIES e o SisU. Além disso, o ENEM demonstra-se uma iniciativa extremamente valiosa para as instituições privadas de ensino superior, especialmente aquelas que têm entrada recente nesse mercado, pois reduz custos inerentes ao processo seletivo na instituição.

Fontes: MEC, organização, Lafis

Programa Universidade para Todos (ProUni)

Esse programa do Governo Federal baseia-se na simples concessão de bolsas de estudo integrais ou parciais em cursos de graduação oferecido por instituições privadas de ensino superior, e desde sua implantação, tem revelado sucesso e efetividade.

Sistema de Seleção Unificada (SisU)

O Sistema de Seleção Unificada (SisU) é um programa do Ministério da Educação (MEC) que oferece vagas em universidades públicas sem precisar fazer o vestibular próprio da instituição.

O processo seletivo do SisU é totalmente automatizado e utiliza as notas do Enem para classificar os candidatos. A participação é gratuita e a seleção acontece duas vezes por ano.

Programas para acesso ao Ensino Superior

Principais programas federais para o Ensino Superior

Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES)

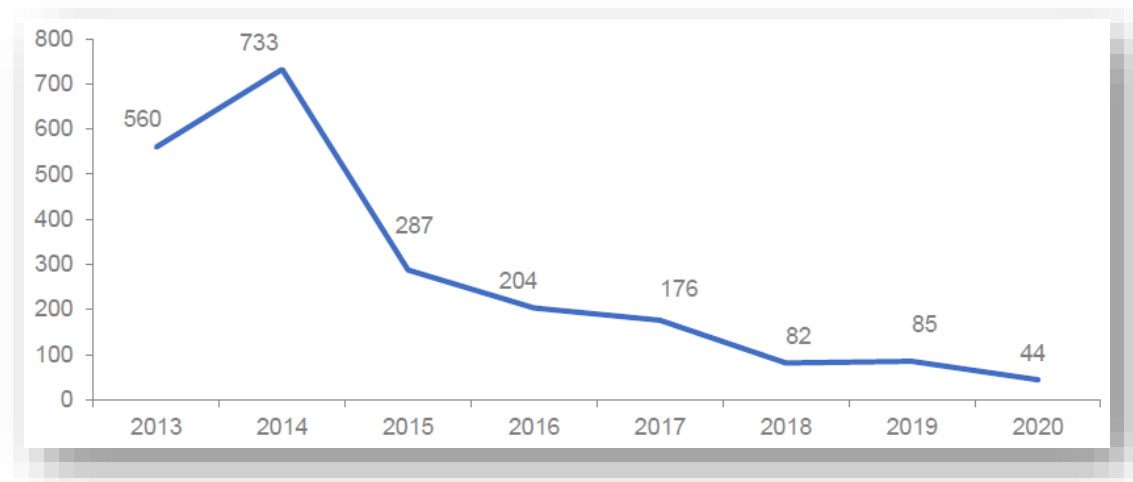
Essa iniciativa do Governo Federal surgiu em 2001 com a Lei nº 10.260/2001 e consistiu na utilização dos recursos da Caixa Econômica Federal e do MEC para criar um fundo destinado ao financiamento da educação superior de estudantes matriculados em instituições não gratuitas. A gestão do FIES é operada pelo MEC e pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), cujo primeiro supervisiona e formula as políticas de oferta de crédito, e o último, realiza a administração dos ativos e passivos do FIES. Até 2014, o programa teve muitos recursos e financiou diversas matrículas em universidades privadas, porém, a crise fiscal de 2015 começou a trazer crescentes restrições ao programa, especialmente com a inadimplência que passou a aumentar com o desemprego provocado pela recessão.

O programa tem passado por mudanças desde então, que junto a fatores econômicos impactaram nos números de vagas ofertadas pelo governo e contratos assinados.

Fontes: MEC, organização, Lafis



Número de contratos assinados de financiamento estudantil via FIES (mil) - 2013 a 2020



Os impactos e os efeitos pós-pandemia

I Ensino Básico

Após quase dois anos de pandemia, profissionais da educação e estudantes do país ainda lidam diariamente com diversos desafios. Ausência de estrutura para continuidade das aulas, dificuldade de adaptação ao ensino remoto, perda da convivência com o meio escolar, falta de estudo adequado para o Enem, sem contar aqueles que tinham na merenda escolar uma das poucas refeições nutritivas feitas no dia.

Para se ter uma ideia do impacto devastador da COVID-19 na educação, [...] apenas no Brasil, em agosto de 2020, 4 milhões de estudantes do ensino fundamental ficaram sem acesso a nenhuma atividade escolar. Os dados foram divulgados pelo estudo “Educação em Pausa”, da UNICEF.

Levantamento feito pelo Inep, divulgado em 2021, referente ao ano letivo de 2020 (pós restrições e fechamento) com instituições públicas e privadas de ensino básico aponta que:

- **99,3% das escolas brasileiras suspenderam as atividades presenciais.** Em função disso, parte delas também ajustou a data do término do ano letivo de 2020, visando ao enfrentamento das questões pedagógicas decorrentes dessa suspensão. **As escolas públicas sentiram uma necessidade maior de fazer a adequação. Pouco mais de 53% delas mantiveram o calendário. Por outro lado, cerca de 70% das escolas privadas seguiram o cronograma previsto.**
- **Ao todo, 43,4% das escolas estaduais disponibilizaram equipamentos como computador, notebooks, tablets e smartphones aos docentes.** No caso das municipais, esse percentual é de 19,7%.
- **O percentual de escolas brasileiras que não retornaram às atividades presenciais no ano letivo de 2020 foi de 90,1%;** na rede federal esse percentual foi de 98,4%, seguido pelas escolas municipais (97,5%), estaduais (85,9%) e privadas (70,9%). **Diante desse contexto, mais de 98% das escolas do país adotaram estratégias não presenciais de ensino.**
- No que diz respeito às estratégias e ferramentas para o desenvolvimento das atividades de ensino-aprendizagem, **a disponibilização de materiais impressos para retirada na escola desponta entre as mais utilizadas. Em seguida, está a oferta de materiais de ensino-aprendizagem na internet.**

Fontes: O impacto da pandemia na educação brasileira | Gente | Uma conexão Globo e INEP

Os impactos e os efeitos pós-pandemia

I Ensino Superior

Por melhores que sejam as ferramentas e possibilidades de ensino e aprendizagem utilizadas para a realização de aulas e outras atividades virtuais, ainda é impossível transferir toda a experiência de formação no Ensino Superior para a tela de um celular ou computador. Importante ressaltar também que as transformações que ocorriam em um ritmo mais suave em grande parte das instituições, como a virtualização dos processos de aprendizagem, se transformaram em questões de prioridade máxima.

I Desconectados

Segundo a ABMES, adoção de ferramentas disponíveis entre as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) no ambiente educacional foi a tentativa mais comum no sentido de remediar as consequências do isolamento social. No entanto, em um país como o Brasil, onde ainda persistem inúmeras desigualdades, essa solução atendeu a apenas uma parte do público que frequenta as faculdades e universidades do país.

A ABMES ressalta ainda que, os questionários socioeconômicos, respondidos no ato de inscrição do Enem nos últimos cinco anos, apontam que **um em cada três estudantes não tem acesso à internet e nem a dispositivos que possibilitem o acesso a programas de educação a distância.** A análise, realizada pela plataforma interativa Quero Bolsa, aponta a dificuldade de universalização desse modelo educativo. Isso decorre de obstáculos socioeconômicos e da precariedade da infraestrutura de telecomunicações em algumas partes do Brasil.

Tanto a educação em seus níveis básicos, quanto o Ensino Superior, enfrentam dificuldades semelhantes e esbarram em problemas comuns, sejam eles socioeconômicos (principalmente), de infraestrutura, capacitação de profissionais ou de adaptabilidade por parte dos alunos.

Fontes: O impacto da pandemia na educação brasileira | Gente | Uma conexão Globo e ABMES, Covid-19 obriga mudanças profundas no ensino superior (abmes.org.br)

Oportunidades e desafios

I Oportunidades e iniciativas para a educação

- **As Instituições de Ensino Superior têm buscado meios de driblar a crise, 76% dos estudantes "receberam algum benefício para matrícula",** como descontos por antecipação, financiamento, parcelamento e seguro educacional.
- **De 2009 a 2019 ingressos no ensino superior na modalidade EAD cresceram 378,9%.**
- **Censo realizado pela ABED aponta que o mercado EAD tem potencial para ser ainda mais competitivo,** com a entrada de novos *players* que estudam oferecer cursos superiores, tecnólogos, lato e stricto sensu.
- **Crescente uso de tecnologias** (*softwares, apps, AI, data etc.* para fins didáticos e de gestão, em instituições de Educação Básica e IES).
- **Novas tecnologias acarretam preocupações tanto no âmbito estratégico, como de *Compliance, com risk* e LGPD,** por exemplo.
- **Tema ESG ainda é desenvolvido por poucos grupos educacionais.**
- **M&A no setor de educação cresce 42% no 1º semestre de 2021 na comparação anual.**
- **Ensino híbrido:** A procura por essa modalidade parte tanto de estudantes de graduação quanto de pós-graduação em virtude da facilidade em administrar o tempo de estudo.

Fontes: Lafis, Relatório Setorial – Nov.2021 e KPMG, estudo para fins internos, 2021

Oportunidades e desafios

I Desafio para o setor educacional

- **Setor tem apresentado retração no número de alunos e há ainda uma tendência de retração pela mudança no perfil demográfico das famílias brasileiras com a diminuição no número de filhos por família.**
- Setor possui amplos benefícios fiscais. Caso haja mudança em alguma regra, o setor e sua rentabilidade seriam extremamente impactados.
- **A reforma tributária e o Imposto sobre Operações de Bens e Serviços, caso sejam aprovados, poderão ter impacto no valor da mensalidade** (reforma prevê também possível isenção a alguns setores, como o educacional).
- **Bolsas ofertadas pelo ProUni tiveram redução de 29,5% em 2021.**
- Se não houver crescimento de emprego e renda o setor passará por um período de recessão.
- **O ano de 2020 terminou com mais de 1MM de inadimplentes. Mais da metade dos contratos do Fies estão com pagamentos atrasados há mais de 90 dias.**
- Os impactos pós-covid, como a instabilidade política/econômica, causando incertezas no processo de retomada com relação à manutenção da renda, emprego e inflação.
- *Edtechs* e consultorias especializadas que, além de serem focadas no setor, possuem parcerias com empresas de tecnologia (como Google), oferecendo assim suas soluções educacionais.
- **Evasão no Ensino Superior bate recorde:** em 2021, a taxa de evasão chegou aos 36,6% na modalidade EaD e presencial.
- **Concorrentes big4 podem se estruturar e eleger a educação como setor prioritário, criando grupos especializados de atendimento.**

Fontes: KPMG, estudo para fins internos, 2021 e Desafios da Educação: desafiosdaeducacao.grupoa.com.br

Tendências

I A inovação trazida pelas *Edtechs*

Há no Brasil muitas startups apoiando as escolas e as universidades. De acordo com levantamento efetuado pelo Centro de Inovação a Educação Brasileira (CIEB) juntamente com a Associação Brasileira de Startups (Abstartups), **em 2020, no Brasil havia 566 edtechs (startups de educação) ativas, 50,7% delas oferecendo soluções para o ensino básico** (infantil, fundamental e médio). Entre os serviços ofertados por estas startups, se destacam aqueles que oferecem plataformas de conteúdos *on-line* (com cursos, jogos, áudios, conteúdos interativos), ferramentas de apoio à gestão acadêmica, administrativa e financeiras das escolas e jogos educativos.

I Transformação digital em instituições de ensino

A tecnologia vem sendo uma importante aliada para o setor educacional, seja por meio de sistemas de gestão ou para fins didáticos, auxiliando alunos e professores ao longo de suas jornadas de ensino e aprendizado.

O ponto principal para uma transformação digital bem sucedida é a implementação de uma cultura digital e mudança de *mindset*, capacitando professores, alunos e funcionários nesse processo.

I Segurança cibernética

As instituições de ensino brasileira precisam investir mais em proteção de dados, ataques de hackers, fraudes, entre outros. Em razão do processo de digitalização, o alto volume de informações, que vai desde dados de identificação do aluno e família, passando por histórico escolar, acabam sendo visados.

I M&A

O número de fusões e aquisições realizadas pelas empresas de educação no primeiro semestre cresceu 42% em comparação com o mesmo período do ano passado, aponta levantamento trimestral da KPMG. Nos seis primeiros meses de 2020 foram 14 operações, ante as 20 realizadas neste ano.

I ESG

Os consumidores estão mais preocupados do que nunca com esse tema. Assim, pressionam as empresas por padrões mais altos de ética social, ambiental e de governança.

Os investidores, por sua vez, têm dado especial atenção — e recursos — às empresas que atendam a esses padrões. A captação global líquida de fundos ESG foi recorde no primeiro semestre de 2021: de US\$ 95 bilhões, segundo o relatório “*Global ESG Research – What ESG investors buy and sell*”, do *Credit Suisse*.

Fontes: Mapeamento Edtech 2020 – Investigação sobre tecnologias educacionais brasileiras, <https://revistaeducacao.com.br/2021/05/24/educacao-ciberseguranca-master/> e <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/a-importancia-do-esg-no-ensino-superior/>

Principais *players*

Companhia	Modalidade de Ensino
Cogna Educação S.A.	Ensino básico e superior
Yduqs Participações S.A.	Ensino Superior
Cruzeiro do Sul Educacional S.A.	Ensino Superior
Anhanguera Educacional Participações S.A.	Ensino Superior
Anima Holding S.A.	Ensino Superior
Ser Educacional S.A.	Ensino Superior
Associação Educacional Nove de Julho	Ensino Superior
Fundação Getulio Vargas	Ensino Superior
União Brasileira de Educação e Assistência	Ensino Superior
Instituto Presbiteriano Mackenzie	Ensino básico superior

Fonte: Dados com base no relatório fornecido pela plataforma EMIS, em Janeiro de 2022. Tem como referência a receita do último fiscal year, quando divulgada.

Fale com o nosso time



Jean Paraskevopoulos

Sócio-líder de Clients & Markets da KPMG no Brasil e na América do Sul

+55 11 3940-8207

jparaskevopoulos@kpmg.com.br



Adriana Barreto

Sócia-diretora de Market Intelligence da KPMG no Brasil

+55 11 3940-4713

adrianabarreto@kpmg.com.br



Rodrigo Sersante

Gerente sênior de Market Intelligence da KPMG no Brasil

+55 19 9 8174-7054

rsersante@kpmg.com.br



Baixe o
nosso APP

kpmg.com.br



Todas as informações apresentadas neste documento são de natureza genérica e não têm por finalidade abordar as circunstâncias de um indivíduo ou entidade específicos. Embora tenhamos nos empenhado em prestar informações precisas e atualizadas, não há nenhuma garantia sobre a exatidão das informações na data em que forem recebidas ou em tempo futuro. Essas informações não devem servir de base para se empreender ação alguma sem orientação profissional qualificada e adequada, precedida de um exame minucioso da situação concreta.

© 2022 KPMG Auditores Independentes Ltda., uma sociedade simples brasileira, de responsabilidade limitada e firma-membro da organização global KPMG de firmas-membro independentes licenciadas da KPMG International Limited, uma empresa inglesa privada de responsabilidade limitada. Todos os direitos reservados. BD220575

O nome KPMG e o seu logotipo são marcas utilizadas sob licença pelas firmas-membro independentes da organização global KPMG.

Document Classification: KPMG Public